

INTRODUÇÃO

Charles Haddon Spurgeon viveu no século XIX, sendo um dos maiores pregadores da Palavra de Deus que o mundo já viu e o maior que os batistas já tiveram. E até mesmo no século XXI ouve-se falar dos feitos prodigiosos desse servo de Deus, ao que lhe rendeu o título de “Príncipe dos Pregadores”.

Esse grande expositor das verdades Sagradas, se contrastado com os pregadores atuais possui muitas qualidades e diferenças. E se fosse feita uma comparação, não se estaria respeitando a ação do Espírito Santo na vida de Spurgeon. Pelo contrário, o pesquisador seria induzido a diminuir por demais as maravilhosas obras que Deus operou durante o ministério do tão famoso pregador do Tabernáculo Metropolitano. Um homem, que não somente foi conhecido por ter uma memória grandiosa, ou o pregador, mas também o Spurgeon do Asilo de Idosas e do Orfanato de Stockweel; aquele que se preocupava com as crianças, com os perdidos e com os futuros ministros da Palavra.

Infelizmente, nos dias atuais pregadores dessa forma tendem a desaparecer. Pois se vive num momento da história como tantos outros, em que a pregação do evangelho foi e é substituída por qualquer tipo de coisa que pode ser oferecido ao público. “Tais como representações, recitação de poemas, jograis, testemunhos, debates, discursos políticos, atividades sociais e administrativas, e especialmente pela música... cada vez mais tempo tem sido concedido a essas atividades, menos à pregação”.¹

Nas campanhas de crescimento da igreja ouve-se falar de vários métodos eficazes que poderão dar resultado em curto prazo. No entanto, pouco se lembra das recomendações bíblicas sobre o verdadeiro método de crescimento da igreja de Cristo: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação” (1Co 1.21). Vale lembrar que o tão famoso Tabernáculo Metropolitano ficou cheio de pessoas regeneradas não por causa de um novo método de crescimento, mas porque Spurgeon entendia que o papel primordial do ministro era pregar a Palavra.

¹ ANGLADA, Paulo R. B. **Introdução à Pregação Reformada**: Uma Investigação Histórica sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação. Ananindeua: Knox, p. 7.

Com vista a todos esses fatos acha-se de suma relevância ser feita “Uma Análise do Método Homilético de Charles Haddon Spurgeon”, levando em consideração todos os passos ensinados por ele aos pastores na preparação e entrega de um sermão. Em primeiro lugar, será feita uma exposição biográfica da vida e obra de Spurgeon. Em segundo lugar, serão apresentadas as qualidades e exigências em oratória do jovem pregador inglês. Em terceiro e último, é feita uma análise da forma do sermão adotado por Spurgeon.

Com todos esses fatores em mente, o pesquisador deste tema tem como objetivo despertar os vocacionados para um ministério eficaz, colocando as Escrituras Sagradas como fonte principal da sua pregação, para a conversão dos pecadores. Trazendo-os à Casa do Grande Rei, para uma vida de comunhão no Espírito Santo.

Dessa forma, Deus estará sendo colocado no mais alto nível, levando o homem a se posicionar no seu devido lugar, “o de pecador”; que precisa de redenção através da poderosa mão de Cristo, que salva unicamente pela sua infinita graça.

1 - CHARLES HADDON SPURGEON: VIDA E OBRA

1.1 - Seu Nascimento e Formação

No século XV, o imperador espanhol Carlos V queimou na fogueira um grande número de cristãos apelidados de “protestantes”. O seu filho e sucessor Filipe II, alegrava-se por ter conseguido acabar com boa parte desses grupos, os quais viviam nos países baixos da Europa. Dentre as muitas famílias que fugiram dessa perseguição, indo para a Inglaterra, em meio a uma delas encontrava-se a família Spurgeon, onde mais tarde nasceria Charles Haddon Spurgeon.²

Spurgeon nasceu no dia 19 de junho de 1834, na cidade de Kelvedon, Condado de Essex, localizado ao sul da Inglaterra. Os seus antepassados foram os huguenotes³, e tanto o avô, James, quanto o pai, John, foram pastores congregacionais. A sua mãe, também foi reconhecida como sendo uma mulher muito piedosa.⁴ Por causa de dificuldades financeiras e a saúde frágil da sua mãe, Spurgeon passou os primeiros anos de sua adolescência em Stambourne, juntamente com os seus avós.⁵

Nesse período Spurgeon muito foi influenciado, especialmente por uma tia chamada Ana, que o ensinou a ler e escrever.⁶ Segundo Paulo Anglada:

Desde cedo Spurgeon foi ávido na leitura. Enquanto as outras crianças brincavam, Spurgeon podia ser sempre encontrado debruçado nos livros. Aos dez anos já tinha bom conhecimento do latim, algum conhecimento do grego e de filosofia, e estava bem familiarizado com a teologia puritana. Seu avô tinha muitas obras desses autores, e nos verões que passava com ele teve a oportunidade de ler escritos de Bunyan, Fox, John Owen, Richard Sibbes, John Flavel e Matthew Henry.⁷

²DUTRA, Marcelo. **Um dos maiores pregadores de todos os tempos: Oline**, 17/01/2007 20:14 h ([www.atosdois.com.br/print2.php?codigo=2188 - 65k -](http://www.atosdois.com.br/print2.php?codigo=2188-65k-)).

³ Os huguenotes foi o nome que o movimento protestante da França recebeu no século VX.

⁴ ANGLADA, Paulo R. B. **Spurgeon e o Evangelicalismo Moderno**. São Paulo: Os Puritanos, 1996. p.3.

⁵ FERREIRA, Franklin. **Gigantes da Fé: espiritualidade e teologia na igreja cristã**. São Paulo: Vida, 2006. p. 271.

⁶ DALLIMORE, A. **Spurgeon. A New Biography**. Trad. Independente: Moacir Baia Lacerda. Edinburgh e Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 2001.p.6.

⁷ ARNOLD, Dallimore **Spurgeon**. Apud ANGLADA, Paulo. Op. Cit., p.3.

Além disso, quando criança, ele recebeu permissão para compartilhar das discussões teológicas com alguns outros ministros, inclusive seu pai e seu avô.⁸ Certa vez, em um período de férias, na casa do seu avô, ainda com dez anos Spurgeon foi objeto de uma extraordinária profecia, proferida por um missionário da Sociedade Missionária de Londres, que visitava a cidade na época.⁹ Ele proferiu o seguinte para a família Spurgeon:

Não sei como, mas sinto um solene pressentimento de que este menino pregará o evangelho a milhares, e através dele muitas almas serão abençoadas. Estou tão seguro disto que, quando você, meu jovem rapaz pregar na capela de Rowland Hill, como pregará um dia, quero que me prometa que cantará o hino que começa, “*Deus se move de maneira misteriosa para efetuar suas maravilhas*”.¹⁰

O próprio Spurgeon escreveu alguns anos depois: “A declaração profética teve cumprimento. Quando tive o prazer de pregar a palavra da vida, na capela Surrey, bem como no primeiro púlpito do Sr. Hill em Water-under-Edge, o hino foi cantado em ambos os lugares”.¹¹

1.2 - Sua Conversão

Embora Spurgeon tenha sido objeto dessa profecia, no entanto, a sua conversão só veio a acontecer quando ele tinha quinze anos de idade. Isso ocorreu quando ele fazia uma visita a Colchester. Ele mesmo relata como foi:

Quando estava preocupado com minha alma, resolvi que iria a todos os lugares de adoração na cidade onde vivia, para que pudesse encontrar o caminho da salvação. [...] cheguei a uma pequena capela Metodista primitiva. [...] O pastor não tinha vindo àquela manhã; [...]. Porém, um homem de aparência muito magra, um sapateiro, ou alfaiate, ou qualquer coisa desse tipo, subiu ao púlpito a fim de pregar. Ta certo que os pregadores devem ser instruídos, mas este realmente não o era [...] O texto era: “*Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.*”¹² [...] Depois que tinha pregado pouco mais de dez minutos, já estava no fim de sua pregação quando olhou para mim sob a galeria [...], fixou seus olhos em mim, [...] e disse: “Jovem, você parece tão miserável!”. [...] Ele

⁸ ANGLADA. Op. Cit., p.3.

⁹ Ibid., p.3.

¹⁰ GARCIA, A. S. R Apud ANGLADA, Paulo. pp.3,4.

¹¹ ANGLADA. Op. Cit., p.4.

¹² Isaias 45.22.

continuou: “e você sempre será miserável – miserável na vida, e miserável na morte, se você não receber este meu texto; mas se você obedecer-lhe agora, neste momento, será salvo”. [...] “Jovem, olhe pra Jesus Cristo! Olhe! Olhe! Olhe! Você não tem nada a fazer senão olhar e viver!” Eu vi de uma vez o caminho da salvação. [...] Então a nuvem se foi, as trevas foram retiradas, e naquele momento eu vi o Sol.¹³

Em 1850, no ano em que se converteu, o jovem pregador foi estudar em uma escola perto de Cambridge. Mesmo sendo criado como congregacional, ele acabou por ser batizado em uma Igreja Batista em Isleham Village.¹⁴ Anglada, comentando sobre o motivo que levou Spurgeon a ingressar em uma igreja batista, destaca: “Spurgeon foi levado a ingressar na Igreja Batista, por causa das suas convicções quanto ao significado do batismo, pouco antes de completar dezesseis anos de idade”.¹⁵

1.3 - Seu Ministério em Waterbeach

Logo após, sua conversão, Spurgeon já ensinava na Escola Bíblica Dominical. Depois, começou a fazer parte da associação de Pastores Leigos.¹⁶ Sendo assim, o seu primeiro sermão foi pregado em uma casa de campo em Teversham.¹⁷

Pouco tempo depois, ele recebeu um convite para pastorear uma pequena Igreja Batista em Waterbeach. Ela ficava localizada em uma comunidade rural com cerca de mil e trezentas pessoas. No seu primeiro sermão ali, Spurgeon contou somente com a presença de dez dos cinquenta membros que aquela igreja possuía.¹⁸ Nos dois anos seguintes do seu ministério, naquela pequena vila, houve uma grande transformação moral na vida daquelas pessoas, a qual ele acreditava firmemente num derramamento do Espírito sobre o lugar.¹⁹ Ele mesmo relata esse episódio:

Um certo jovem foi levado aquela vila,... Ele começou a pregar ali, e aprovou a Deus virar a vila de cabeça para baixo. Em pouco tempo sua pequena capela coberta de palha estava abarrotada, os maiores vagabundos da vila estavam derramando rios de

¹³ C. H. Spurgeon's *Autobiography*, vol 1. Apud LIMA, P. Elias. **Spurgeon e a Doutrina da Expição**. 2007. p.18.

¹⁴ FERREIRA. Op. Cit., p.271.

¹⁵ ANGLADA. Op. Cit., p.4.

¹⁶ Ibid., p.5.

¹⁷ FERREIRA. Op. Cit., p.271.

¹⁸ ANGLADA. Op. Cit., p.5.

¹⁹ Ibid., p.20.

lágrimas, e aqueles que haviam sido a maldição do lugar tornaram-se sua bênção. Os roubos e vilezas de toda a espécie que marcavam o lugar desapareceram, porque os homens que praticavam estas coisas estavam na casa de Deus, regozijando-se em ouvirem a respeito de Jesus crucificado.²⁰

Apesar de Spurgeon passar apenas dois anos em Waterbeach como pastor daquela igreja, houve um acréscimo muito elevado no seu rol de membros. E quando ele deixou aquela comunidade para assumir o pastorado da igreja de New Park, cerca de quatrocentas pessoas freqüentavam-na sendo que boa parte delas, amontoavam-se fora do templo.²¹

Depois de ser um dos oradores na assembléia anual da União da Escola Dominical em Cambridge, C. H. Spurgeon sem nem mesmo saber foi recomendado pelo Sr. George Gould, de Essex ao seu amigo Thomas Olney, um dos diáconos da Capela da Rua do Novo Parque, após o ter ouvido pregar.²²

1.4 - Seu Ministério em New Park

Após um próspero ministério como pastor de uma igreja rural, Spurgeon aceitou o convite para pastorear a capela Batista em New Park Street, em Southwark, na cidade de Londres em Abril de 1854. Ali, deu início a um proveitoso ministério que perdurou por trinta e oito anos.²³ “Essa igreja no passado, fora pastoreada por gigantes como Benjamim Keach e John Gill”.²⁴

No primeiro sermão que Spurgeon pregou, cerca de cem pessoas aproximadamente faziam uso dos mil e duzentos assentos à disposição do público naquela manhã de domingo. O texto que ele escolheu foi Tiago 1.17; “Toda boa dádiva e todo o dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir sombra de mudança”.²⁵

Tão grande foi a repercussão manifestada na vida dos ouvintes com a pregação do domingo pela manhã, que a noite havia um maior número de pessoas para ouvir a sua

²⁰ DALIMORE, Arnold. **Spurgeon**. Apud ANGLADA. Op. Cit., p.20.

²¹ ANGLADA. Op. Cit., p.5.

²² SPURGEON, C. H. **Spurgeon Autobiography** vl.1 The Early Years, 1962. p.245. Logo depois Spurgeon receberia um convite para pregar nessa Capela, onde veio a exercer ministério pastoral até a sua morte em 1892.

²³ FERREIRA. Op. Cit., p.271.

²⁴ Ibid., p.271.

²⁵ ANGLADA. Op. Cit., p.5.

mensagem. Desta vez o texto que ele escolheu foi Apocalipse 14.5, “não se achou mentira em sua boca; não têm mácula”. Esse sermão fez com que os membros daquela igreja ficassem tão entusiasmados, que mesmo ao final do culto, continuaram no templo, comentando sobre a pregação.²⁶

Após um período de experiência, os crentes da Capela de New Park se reuniram em uma sessão extraordinária no dia 19 de Abril de 1854, e decidindo de forma unânime convidar o Sr. Spurgeon para ser o seu pastor.²⁷

O ministério de Spurgeon em Londres, destacou-se em todas as décadas que ele viveu ali. Iain Murray, afirma:

... Na de 1850 ele foi o “Jovem Prodígio, que parecia ter subido ao púlpito já plenamente crescido. Aos vinte anos de idade as maiores salas de Londres enchiam-se de ouvintes seus;... quando estava com vinte e três, 23.654 pessoas o ouviram num culto realizado no Crystal Palace. Na década seguinte, 1860 em diante, sua obra pode ser mais bem descrita em termos das “Agências Pró-progresso do Evangelho”. As instituições que ele fundou e pelas quais ele continuou responsável...²⁸

Apesar de encontrar algumas dificuldades por causa das críticas, logo de início. “O ministério de Spurgeon em Londres foi extraordinariamente profícuo. Sua fama aumentou rapidamente, e a oposição da imprensa só estimulou a curiosidade das pessoas”.²⁹ “Já no ano subsequente o templo não conseguia mais acomodar a multidão que ouvia Spurgeon aos domingos”.³⁰

Foi preciso alugar o Exeter Hall, um conhecido teatro de música de Londres para colocar as pessoas, enquanto o templo passava por uma reforma com objetivo de ampliá-lo.³¹ E nos principais jornais de Londres dizia-se que “desde os tempos de Wesley e Whitefield não havia existido um interesse tão forte pelo cristianismo”.³²

²⁶ Ibid., p.5.

²⁷ Cf. C. H. Spurgeon: *The Sword and the Trowel* vol 4. Apud LIMA. Op. Cit., p.27.

²⁸ MURRAY, Iain H. **Spurgeon Versus Hipercalvinismo: a batalha pela pregação do evangelho.** trad. Odayr Olveti. São Paulo: PES, 2004. p.24.

²⁹ ANGLADA. Op. Cit., p.6.

³⁰ Cf. C. H. Spurgeon: *The Sword and the Trowel* vol 4. Apud LIMA, 2007. p.28.

³¹ HAYDEN, Eric W. **Highlights In the life of Charles Haddon Spurgeon.** Apud LIMA, 2007. p.28.

³² FERREIRA. Op. Cit., p.271.

Elias Lima comentando sobre a construção do templo acrescenta o seguinte:

No primeiro domingo de junho de 1855, a congregação se reuniu no novo templo já aumentado. Ele agora fora projetado para acomodar 500 pessoas a mais, entretanto, ainda assim, era sobremodo pequeno para todo aquele povo que chegava, pois as pessoas que começaram a ir ao Exeter Hall passaram a ouvi-lo no templo também, e a multidão foi maior ainda, de modo que resolveram continuar com os cultos de domingo à noite no teatro e com os de domingos de manhã no templo... Spurgeon, então, teve que transferir os cultos para o maior prédio público de Londres, o Royal Surrey Gardens Music Hall. Ali ele poderia pregar para 12.000 ou mais pessoas a cada domingo... Durante o primeiro culto, onde estavam cerca de 7.000 pessoas presentes, alguém mal intencionado dentre a multidão gritou: “Fogo!” Ao ouvir o grito, as pessoas começaram a se desesperar e correr para fora do edifício; no tumulto, causado pelo alvoroço, sete pessoas morreram e vinte e oito foram levadas gravemente feridas para o hospital.³³

A imprensa explorou o máximo que podia desse acontecimento. Já Spurgeon foi gravemente afetado dos nervos por esse escândalo, passando a sofrer de gota reumática, enfermidade que fez com que ele padecesse pelo resto da sua vida levando-o à morte. Mesmo com esse trágico episódio, Spurgeon foi apoiado pelos seus amigos e admiradores.³⁴ “Em 1861, ele fundou o Tabernáculo Metropolitano, com 4.700 assentos. Aproximadamente 15.000 pessoas uniram-se à sua igreja por volta de 1891”³⁵

Resumidamente Paulo Anglada afirma:

O crescimento do rol de membros da igreja foi surpreendente: em 1854 tinha apenas trezentos e treze membros; em 1855, tinha trezentos e noventa e cinco; em 1856, já contava com oitocentos e sessenta membros; em 1857, o número aumentou para mil e quarenta e seis pessoas; e em 1874, para quatro mil, oitocentos e treze. Em 1886, mais de dez mil pessoas haviam sido batizadas por Spurgeon.³⁶

1.5 - Fundação da Escola de Pastores

A tão famosa escola de pastores começou em 1855, com um aluno chamado Thomas William Medhurst, o qual começou freqüentando a casa do Sr. Spurgeon a fim de receber

³³ LIMA. Op. Cit., p.28.

³⁴ ANGLADA. Op. Cit., p.6.

³⁵ CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**: Uma História da Igreja Cristã. Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.384.

³⁶ ANGLADA. Op. Cit., p.6.

aulas de teologia. No ano de 1857, apareceu outro aluno, pouco tempo depois, oito alunos já estavam fazendo parte dessa escola.³⁷ Earle Cairns diz que os ministros formados pelo Colégio de Pastores chegou a um número aproximado de 900 até a morte de Spurgeon.³⁸

Paulo Anglada relata as principais razões de Spurgeon fundar a sua própria escola de teologia:

(a) Questões financeiras: os candidatos não tinham recursos para ingressarem em outros seminários. (b) Não considerava nenhuma das outras escolas adequadas para o que propunha. Segundo ele, o calvinismo ensinado nelas era duvidoso; o currículo deficiente (a ênfase deveria ser na pregação e teologia); e a prática deveria enfatizar a piedade pessoal e o propósito: ganhar almas. [...].³⁹

Em 14 de outubro de 1873, iniciou-se a construção do prédio para funcionar o Colégio de Pastores. Com o término das obras em 1874, o recinto foi dedicado ao Senhor com um culto de oração em cada uma das salas.⁴⁰

Apesar da escola de pastores ter como principal propósito preparar pregadores, Spurgeon exortava os seus alunos a não deixarem de lado a teologia. Eis as suas próprias palavras:

Sejam bem instruídos em teologia, não façam caso do desprezo dos que zombam dela porque a ignoram. Muitos pregadores não são bons teólogos, e disso procedem os erros que cometem. Em nada pode prejudicar o mais dinâmico evangelista o ser também um bom teólogo; pelo contrário, pode ser o meio que o livre de cometer enormes disparates. Hoje em dia ouvimos alguém extrair do seu contexto uma frase isolada da Bíblia e clamar: “Eureka!” como se tivesse descoberto uma nova verdade; no entanto, não achou um diamante, mas um pedaço de vidro quebrado. Se comparasse o espiritual com o espiritual, se entendesse o significado da fé, ou estivesse familiarizado com a santa erudição dos grandes estudiosos da Bíblia em épocas anteriores. Não se apressaria tanto em jactar-se de seus maravilhosos conhecimentos.⁴¹

³⁷ FERREIRA. Op. Cit., p.272.

³⁸ CAIRNS, Earle E. Op. Cit., p.384. O Rv. Paulo Anglada em seu livro Spurgeon e o Evangelicalismo Moderno dar um número mais exato dos alunos formados pela Escola de Pastores (828), na p.9.

³⁹ ANGLADA. Op. Cit., p.9

⁴⁰ SPURGEON. Op. Cit., (**Spurgeon's Autobiography**), vol 1 e 2. Apud LIMA, 2007. Op. Cit., p.38.

⁴¹ SPURGEON, C.H. **Um Ministério Ideal**. Vol. I. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991.p.15.

Os alunos da Escola de Pastores foram responsáveis pela abertura de muitas igrejas na Inglaterra, outros viajaram para pregar o evangelho em vários países. Paulo Anglada menciona ainda que “até pouco antes da morte de Spurgeon, os pastores formados na Escola de Pastores tinham fundado oitenta igrejas em Londres, mais de duzentas igrejas por todo o mundo, e haviam batizado mais de quarenta mil pessoas”.⁴² Depois de serem feitas algumas pesquisas, constatou-se que havia um crescimento claro de oitenta mil novos crentes evangelizados pelos alunos do colégio de pastores.⁴³

1.6 - Instituições Humanitárias

O nome de Spurgeon também está ligado ao Asilo de Idosas. Embora não tenha sido ele que começou essa instituição, contudo foi o responsável pela sua ampliação. “Ele contribuiu financeiramente, com grandes somas de dinheiro que recebeu pessoalmente das vendas dos livros, e donativos pessoais”.⁴⁴

Spurgeon apoiou outros empreendimentos, como no caso do Orfanato de Stockweel. Embora não imaginasse construir tão grande obra. Ao falar sobre as necessidades das crianças carentes de Londres, acabou recebendo de uma de suas leitoras cem mil dólares para a construção desse Orfanato. Apesar do dinheiro não poder ser usado naquele momento, Spurgeon levantou fundos para a construção, que ficou pronto em 1869. A doação feita pela senhora serviu como fundo de garantia. Mais tarde, levantou-se dados indicando que o Orfanato já havia recebido mais de mil crianças.⁴⁵

1.7 - Sua Esposa e Filhos

Ao iniciar seu ministério na Capela da Rua do Novo Parque, Spurgeon conheceu Susana Thompson, uma jovem que despertou o seu coração.⁴⁶ Ela foi uma das muitas pessoas que não foram no culto pela manhã de domingo, quando ele pregou pela primeira vez em

⁴² ANGLADA. Op. Cit., p.9.

⁴³ SPURGEON. Op. Cit., vol 4. Apud LIMA. Op. Cit., p.40.

⁴⁴ LIMA. Op. Cit., p.10.

⁴⁵ ANGLADA. Op. Cit., pp.10-11.

⁴⁶ LIMA. Op. Cit., p.30.

Londres, mas com os comentários e convites dos amigos, ela aceitou ir à noite.⁴⁷ Susana como muitos outros assentou-se para ouvir a pregação. Ao fim da mensagem, a senhorita Thompson, fascinada com a pregação, começou a frequentar todos os cultos.⁴⁸ Elias Lima acrescenta:

... depois de ouvir os apelos e advertência do novo pregador, ela ficou cada vez mais certa de que estava se desviando, e uma vez consciente disto, ela procurou ajuda espiritual e direção com o Sr. William Olney que era um trabalhador ativo na escola dominical, este por sua vez, segundo a jovem Susana, falou da sua situação ao pastor.⁴⁹

Certa vez a jovem foi surpreendida pelo seu pastor, que lhe presenteou uma cópia ilustrada do livro *o peregrino*.⁵⁰ Depois, de presenteá-la, a história de amor de Spurgeon e Susana começou a crescer, “até que no dia 2 de agosto de 1854, quando estavam no jardim da casa do pai dela, numa alegria solene, ele confessou seu amor e perguntou se ela gostaria de se casar com ele”.⁵¹ Após a resposta positiva de Susana, e alguns meses de noivado, o casamento foi marcado:

Na data marcada, 8 de janeiro de 1856, uma manhã de terça-feira umedecida e fria, os noivos foram unidos em sagrado matrimônio pelo Rev. Dr. Alexander Flether, da Capela de Finsbury. Cerca de duas mil pessoas testemunharam a cerimônia que foi realizada na Capela da Rua do Novo Parque. Depois do casamento, os recém casados, Sr. e Sra. Spurgeon, viajaram para uma breve lua de mel de dez dias em Paris.⁵²

A Sra. Spurgeon passou boa parte da sua vida enferma com paralesia. Mesmo assim, auxiliava o seu esposo em atividades literárias. Conhecida até então como a esposa do pregador do Tabernáculo Metropolitano,⁵³ ela ficou popular pela sua criação de um fundo de

⁴⁷ CHARLES, Ray, Mrs. C. H. **Spurgeon**. Apud LIMA. Op. Cit., p.30.

⁴⁸ LIMA. Op. Cit., p.30.

⁴⁹ Ibid., p.31.

⁵⁰ Ibid., p.31.

⁵¹ Ibid., p.31.

⁵² SPURGEON. Op. Cit., **Spurgeon's Autobiography**, vol 1. Apud LIMA. Op. Cit., p.32.

⁵³ IAIN, Murray. **Em They Full Harvest**. Apud LIMA, 2007. p.33.

Livros, em 1875, com o objetivo de colocar os exemplares dos livros de Spurgeon nas mãos de ministros pobres da Inglaterra.⁵⁴

Paulo Anglada relata o que levou Susana fazer tal empreendimento;

Depois de ler uma das provas do primeiro volume de *Lições aos Meus Alunos*, Spurgeon perguntou a esposa: “Você gostou?” Ao que ela respondeu: “Quisera poder colocá-lo nas mãos de cada ministro da Inglaterra”. Spurgeon, muito prático, perguntou-lhe: “Quanto você dá para este fim?” A pergunta tomou-a de surpresa, mas, refeita, foi ao quarto e tomou o dinheiro que tinha (o suficiente para comprar cem livros). Entregou ao marido; e naquele momento estava fundado o *Fundo do Livro*.⁵⁵

O sucesso desse ministério foi tão grande, que em 1884 o Fundo de Livro já havia distribuído gratuitamente cerca de cento e vinte mil livros, inclusive sermões a mais de doze mil ministros ingleses. Mesmo com a morte de Spurgeon ela continuou com a distribuição de livros.⁵⁶

O casal Spurgeon teve dois filhos gêmeos nascido em 20 de setembro do ano em que casaram. O mais velho se chamava Charles e o mais novo Thomas.⁵⁷ Os dois, mais tarde, se tornaram ministros batistas. Charles assumiu o pastorado do Tabernáculo Metropolitano no lugar do seu tio, o sucessor de Spurgeon, revelando algumas das qualidades do pai, Thomas se tornou grande dentro da denominação e assumiu cargos de importância.⁵⁸

1.8 - Sua Morte

O príncipe dos pregadores pregou o último sermão à sua congregação no dia 6 de junho de 1891.⁵⁹ Depois de uma longa enfermidade, “Spurgeon morreu de gota reumática. Partiu para a glória no dia 31 de janeiro de 1892, no sul da França, para onde costumava viajar, por motivo de saúde”.⁶⁰

⁵⁴ ANGLADA. Op. Cit., p.12.

⁵⁵ Ibid., p.12.

⁵⁶ Ibid., 1996, p.12.

⁵⁷ CHARLES. Op. Cit, **Spurgeon**. Apud LIMA. Op. Cit., p.32.

⁵⁸ ANGLADA. Op. Cit., p.12.

⁵⁹ FERREIRA. Op. Cit., p.273.

⁶⁰ ANGLADA. Op. Cit., p.12.

O corpo de Spurgeon chegou em 8 de fevereiro a Londres, na qual mais de 50 mil pessoas tiveram a oportunidade de dar o último adeus ao último dos puritanos no Tabernáculo Metropolitano.⁶¹

Somente no dia 11 de fevereiro aconteceu o culto fúnebre, tendo como orador o Dr. Pierson, um ministro Presbiteriano que dava assistência no Tabernáculo, na ausência de Spurgeon. Depois, seguiu-se o cortejo fúnebre para o cemitério, tendo os alunos do Colégio de Pastores ao redor do caixão como guardas de honra.⁶²

Archibald Brown, um dos primeiros pastores formados pela Escola de Pastores, participou do momento solene de despedida de Spurgeon dizendo o seguinte:

Campeão de Deus! Tua longa batalha e nobre combate terminaram. A espada que se pegou à tua mão caiu finalmente; um ramo de palmeira tomou o teu lugar. O capacete não faz mais pressão sobre a tua cabeça, pela preocupação constante dos teus pensamentos vibrantes sobre combate; mas a coroa da vitória, entregue pelas próprias mãos do grande Comandante, que é a prova evidente da tua alta recompensa. [...] Nós louvamos a Deus por ti, e pelo sangue da eterna aliança, esperamos e expectamos louvar a Deus contigo. Amém.⁶³

⁶¹ LIMA. Op. Cit., p.53.

⁶² ANGLADA. Op. Cit., p.13.

⁶³ DALLIMORE, A. **Spurgeon**. Op. Cit., p.238.

2 - SPURGEON, O “PRÍNCIPE DOS PREGADORES”

2.1 - Capacidades Naturais

Um dos fatores que fizeram com que Spurgeon recebesse o título de “príncipe dos pregadores”, sem dúvida, foi a sua capacidade de argumentação. “Negar que seus dons naturais contribuíram para o sucesso do seu ministério seria um absurdo”.⁶⁴

Mesmo possuindo numerosas habilidades naturais, Spurgeon acrescenta o seguinte fato sobre uma conversa que teve com seu avô:

Sempre que prego, sinto-me terrivelmente mal, sim, com verdadeiro enjôo, como se estivesse cruzando o mar”, e perguntei ao querido ancião se ele achava que algum dia eu me livraria daquela sensação. Sua resposta foi: Você terá perdido todo o teu poder se isso acontecer.⁶⁵

Um bom pregador para Spurgeon não era aquele que tinha a capacidade de dominar o tema do seu sermão, e sim aquele que, com facilidade, era dominado pelo tema. Sermões assim têm maior probabilidade de transformar vidas, dizia ele.⁶⁶

2.1.1 - Habilidade de imaginação e exposição

Comparado ao grande pregador George Whiterfield, Spurgeon também possuía uma capacidade imensa de apresentar as verdades das Sagradas Escrituras. Até mesmo aqueles que iam ouvi-lo apenas com propósitos espúrios, acabavam atraídos pela veemência com que ele lhes anunciava as verdades bíblicas.⁶⁷

Paulo Anglada falando da sua eloquência diz: “Não faltavam palavras. As palavras eram matéria-prima com as quais lidava com arte e naturalidade. Seus sermões demonstram

⁶⁴ ANGLADA. Op. Cit., p.17.

⁶⁵ SPURGEON, C.H. **O Conquistador de Almas**. Trad. Odayr Olivetti, 3 ed.São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993, pp.70,71.

⁶⁶ SPURGEON. Op. Cit., p.71.

⁶⁷ ANGLADA. Op. Cit., p.17.

este dom abundantemente”.⁶⁸ Essa capacidade de argumentação está clara em seus sermões. Ao pregar sobre a imutabilidade de Deus Spurgeon argumenta:

Indiquem um momento da história em que Deus mudou!...Às vezes ouço alguém dizer: “eu posso me lembrar de uma passagem nas Escrituras onde Deus mudou”! E assim pensei eu, no passado. O caso que eu quero mencionar é o da morte de Ezequias. Isaías veio e disse: “Ezequias, você vai morrer, sua doença é incurável, ponha sua casa em ordem”. Ele se virou para a parede e começou a orar; e antes que Isaías saísse fora do palácio, foi-lhe ordenado que voltasse e dissesse: “Você ainda viverá mais quinze anos”. Vocês podem pensar que isso prova que Deus muda; mas realmente eu posso ver nisso a menor prova possível. Acaso vocês acham que Deus não sabia que isso aconteceria? Ora, Deus sabia disso; Ele sabia que Ezequias viveria. Então Ele não mudou, pois se ele sabia disso, como poderia mudar? Isso é o que eu quero saber. Entretanto, vocês sabem de uma coisa? – que Manassés, filho de Ezequias, até aquele momento ainda não havia nascido e que se Ezequias tivesse morrido, não haveria nenhum Manassés, nenhum Josias e nenhum Cristo, porque Jesus veio ao mundo dessa genealogia. Vocês verão que Manassés tinha doze anos quando seu pai morreu; de forma que ele nasceu três anos depois disso acontecer.⁶⁹

2.1.1.1 - Memória admirável e insaciável na leitura

Além de seus biógrafos, os diversos sermões de Spurgeon mostram a primorosa capacidade de memorizar textos longos, e retendo com facilidade as suas diversas leituras. Ele tinha como meta ler seis livros por semana. No final da sua vida, deixou uma biblioteca com mais de doze mil livros.⁷⁰ Mas o que fez de Spurgeon um grande pregador não foram apenas essas combinações, mas também a avidez na leitura da Bíblia. As suas palavras sobre o assunto são:

Vamos começar com o nosso arsenal. Este arsenal, para mim, é a Bíblia – e espero que o seja para cada um de vocês. Para nós, a Sagrada Escritura é como “a torre de Davi, edificada para arsenal; mil escudos pendem dela”, que são defesas dos homens poderosos (Ct 4.4). Se quisermos armas temos de buscá-las nas Escrituras e só nas Escrituras. Quer busquemos a espada de ataque, quer o escudo de defesa, nós os encontraremos somente nas páginas do Livro Inspirado. Se eu puser de lado este Livro, não tenho mais nada para pregar. E, na verdade, não terei desejo de pregar, se não puder continuar a expor os assuntos que encontro nestas páginas. Há mais alguma coisa que valha a pena ser pregada?⁷¹

⁶⁸ Ibid., p.17.

⁶⁹ SPURGEON, C.H. **Deus não Muda**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, s.d. p.18.

⁷⁰ ANGLADA Op. Cit., p.17.

⁷¹ SPURGEON, C.H. **A Maior Luta do Mundo**. 2ed. São Paulo: FIEL, 2006. p.15.

Outro fator determinante para o sucesso de Spurgeon em seu ministério foi, acertadamente, uma resposta de Deus, às suas constantes orações. E tudo o que aconteceu depois foi conseqüência do derramamento do Espírito Santo sobre a sua vida e dos milhares de londrinos que tiveram a oportunidade de ouvi-lo.⁷² Ao partir para Londres, o jovem pregador rural estava convicto de que Deus, por tempos escondia o rosto do seu povo, e isso só poderia ser resolvido por meio de muita oração, não apenas com conhecimento ou qualquer talento do ser humano.⁷³

2.2 - O Último dos Puritanos

O homem pode ter muita leitura, mas se o que ele lê não tiver qualidade, não terá muito valor. O importante é a solidez do alimento que sustenta as capacidades naturais.⁷⁴ Spurgeon demonstrava certo temor quando havia leitura, como jornais, revistas e periódicos, no entanto, as Sagradas Escrituras fossem negligenciadas.⁷⁵

Ele mesmo declara o quanto era seguidor dos puritanos acerca desse assunto:

Na época dos puritanos se tinha um suprimento escasso de literatura, mas na Bíblia eles encontraram uma biblioteca. E como a liam! Há pouco das Escrituras nos sermões atuais, se comparados com os sermões daqueles mestres da teologia: os divinos puritanos. Quase toda a sentença que elaboravam parecia ter uma luz do texto sagrado; não somente daquele que era à base da pregação, mas a de muitos outros; e uma luz nova era refletida enquanto o discurso prosseguia.⁷⁶

O alimento mais saudável é a Palavra de Deus. Os livros e sermões têm o seu devido valor. No entanto, podem perder a sua importância, se forem distanciados dos textos bíblicos.⁷⁷ Spurgeon contrastava a literatura do seu tempo com a dos puritanos da seguinte forma: “... encontramos em uma única página de teologia puritana, mais erudição, mais Escritura, mais ensino verdadeiro do que em muitos volumes do pensamento moderno. Os

⁷² SPURGEON. Op. Cit., p.20.

⁷³ MURRAY, I. **O Spurgeon que Foi Esquecido**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2004. p.54.

⁷⁴ ANGLADA. Op. Cit., p.19.

⁷⁵ SPURGEON C. H. **Conselhos para os Obreiros**. São Paulo: Arte Editorial, 2004. p.81.

⁷⁶ SPURGEON. Op. Cit., p.81.

⁷⁷ Ibid., p.82.

homens modernos seriam ricos se apenas comessem das migalhas que caem da mesa dos puritanos”.⁷⁸

A teologia puritana influenciou Spurgeon principalmente no que diz respeito às doutrinas da “graça”. Isso é fácil de ser notado em seus sermões e conselhos aos seus alunos. Ele mesmo destaca: “Vou deixá-los, não demora muito. Vocês vão se encontrar e dizer: “O Presidente partiu. Que é que vamos fazer?”... sejam fiéis ao evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, e à doutrina da Sua “Graça””.⁷⁹ E mais uma vez ele declara:

As velhas verdades pregadas por Calvino, como também por Agostinho, são as verdades que eu devo pregar hoje; doutra forma, trairia a minha consciência e o meu Deus. Não posso moldar a verdade; não sei nada de lapidar doutrinas. O evangelho declarado por John Knox é o meu evangelho. Aquilo que trovejou através da Escócia precisa trovejar de novo através da Inglaterra.⁸⁰

2.3 - Oratória e Estilo da Pregação

Apesar de ter muita qualidade em sua oratória, Spurgeon parecia não dar-lhe excessiva importância. No entanto, ele não a desprezava.⁸¹ Para ele, ser um bom orador não significa, “Gritaria, linguagem complicada, rebuscada e sofisticada, bem como qualquer artifício deliberado e teatral; eram-lhe condutas abomináveis. E sim, a capacidade natural e espontânea de convencer e persuadir os ouvintes”.⁸²

O seu conceito de oratória está intimamente ligado ao que o apóstolo Paulo diz em 1Coríntios 2.1-5.

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande temor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de

⁷⁸ SPURGEON, C. H. **The Metropolitan Tabernacle Pulpit**. vol. 18. Apud ANGLADA, Paulo. Op. Cit., pp.19,20.

⁷⁹ MURRAY, Ian. Op. Cit., p.31.

⁸⁰ SPURGEON, C. H. **Verdades Chamadas Calvinistas**: uma defesa. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, s.d. p.22.

⁸¹ ANGLADA. Op. Cit., p.27.

⁸² Ibid.,p.27.

poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus.

Spurgeon, parecendo está bem familiarizado com os ensinamentos paulinos, mostra o quanto é importante desenvolver um estilo de pregação na linguagem do povo. As suas palavras são:

Sejamos impetuosos devido a excelência do nosso assunto e à energia do espírito que possuímos ao pronunciar-lo. Numa palavra, que nosso falar seja natural e vivo. Renunciemos aos truques dos oradores profissionais, ao esforço em alcançar efeitos, o clímax estudado, a pausa premeditada, a afetação teatral, o falar sofisticado e tantas coisas mais que observem na face da terra. Oxalá tais pregadores cheguem a ser uma espécie extinta dentro de breve tempo, e que todos nós aprendamos uma maneira viva, natural e simples de pregar o evangelho, pois estou persuadido de que é provável que Deus abençoe tal estilo.⁸³

O que Spurgeon não sabia era que esse estilo de pregação criticado por ele, se tornaria cada dia mais crescente nos séculos XX e XXI, onde até mesmo o pecado passou a não ser atacado pelas pregações.

John MacArthur, comentando sobre esse assunto, ressalta: “Recentemente, ouvi no rádio uma entrevista feita com um pastor que reiteradamente evita qualquer menção de pecado em suas pregações, pois acha que as pessoas já estão demasiadamente carregadas de culpa”.⁸⁴ Portanto, sabe-se que a maior necessidade do homem é ser confrontado na sua vida de pecado, para que assim possa vencê-lo. Pregação que não faz tal coisa não alcançará as penúrias do ser humano.⁸⁵

A falta de um cravo fez com que o cavalo perdesse a sua ferradura, isso acabou por torná-lo inútil para o combate; antes aquele imperceptível instrumento servia apenas para tocar na terra; portanto o lindo cavalo tornou-se sem nenhuma utilidade sem ela. Um homem pode não alcançar sucesso em sua atividade espiritual, não por falta de caráter, mas por uma distração em sua retórica; assim sendo, é preciso que aperfeiçoemos a forma de expressar-nos.⁸⁶

⁸³ SPURGEON, C.H. **Um Ministério Ideal**. Vl. 1, Op. Cit. p.18.

⁸⁴ MACARTHUR, F. John. **Com Vergonha do Evangelho**: quando a igreja se torna como o mundo. São Paulo: FIEL, 2004. p.32.

⁸⁵ MACARTHUR, 2004, p.32.

⁸⁶ SPURGEON, C.H. **Um Ministério Ideal**. Vl. 1, Op. Cit. p.17.

O príncipe dos pregadores também adverte aos seus alunos acerca dos perigos causados pela boa oratória:

É preciso que não façamos da oratória o nosso objetivo. Alguns são eloqüentes por natureza, não lhes é possível ser doutro modo, como os rouxinóis não podem evitar de cantar docemente; portanto, não os censuro, mas os admiro. Não é dever do rouxinol baixar sua voz ao mesmo tom do pardal. Que cante com doçura, se o faz naturalmente. Deus merece a melhor oratória, a melhor lógica, a melhor metafísica, o melhor de tudo; entretanto se alguma vez a retórica embaraça a instrução do povo, seja anátema. Que jamais alguma capacidade natural que possuamos seja estorvo à compreensão do povo naquilo que transmitimos. Que Deus não permita que nossa erudição ou estilo obscureça a luz; pelo contrário, que sempre usemos a linguagem singela de modo que o evangelho resplandeça livremente em nosso ministério.⁸⁷

Para Spurgeon, é preciso que o pregador mantenha certo equilíbrio em superestimar ou subestimar a capacidade mental da congregação. O importante é que se tenha em mente que o assunto dos sermões deve conter a realidade do povo, pois são pessoas reais. Buscando despertar nos ouvintes atuais o desejo de tornarem Cristo o Senhor das suas vidas, mostrando o quanto Ele é atual na vida de cada um deles.⁸⁸ É de suma importância que o ministro desenvolva um estilo claro de pregação. Pois quando certo pregador não mostra clareza nos seus sermões, é porque ele mesmo não sabe o que pretende transmitir.⁸⁹

A grande verdade é que não se pode definir uma linha divisória entre postura e gestos do pregador. O conteúdo do sermão está além de qualquer atitude sobre a forma de pregar, sendo, portanto, fatores extremamente insignificantes. Portanto, quando nos referimos às coisas sagradas, até mesmo as menores coisas são de suma importância. Sem dúvida, os movimentos desajeitados que os ponderados não levam muito a sério não passarão despercebidos pelo público como um todo.⁹⁰

Embora sem dar excessiva primazia a tais assuntos, o pensamento de Spurgeon sobre aqueles que não se preocupam nem um pouco com posturas e gestos do pregador é expresso da seguinte forma:

⁸⁷ SPURGEON. Op. Cit., VI. IV, p.47.

⁸⁸ STOTT, John. **Eu creio na pregação**. trad. Gordon Chown. São Paulo: VIDA, 2003, p.156.

⁸⁹ SPURGEON. Op. Cit., VI. I, pp.17,18.

⁹⁰ SPURGEON, C.H. **Lição aos Meus Alunos**. trad. Odayr Olivetti. Vol. 1. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2002. pp.119,120.

Se você não se preocupa com o cultivo de atitudes apropriadas, pelo menos tenha sabedoria suficiente para evitar ridicularias e simulações. Há uma grande distância entre o almofadinha, que ondula e perfuma os cabelos, e aquele que deixa os cabelos penderem como massas de feixes de forro, como a juba de um animal selvagem.

Ele continua:

Jamais os aconselharemos a praticarem posturas diante do espelho, nem a imitar grandes teólogos, nem a macaquear finos cavalheiros. Por outro lado, não é preciso ser vulgar ou absurdo. As posturas e atitudes são simplesmente uma pequena parte da vestimenta de um discurso, e não é nas vestes que jaz a substância da matéria.⁹¹

Spurgeon ilustra a situação dizendo: “Suas roupas, embora de confecção caseira, servem-lhe melhor do que as de outro homem, mesmo que estas sejam feitas do melhor tecido”.⁹² De acordo com o príncipe dos pregadores, o pregador deve despertar no público um interesse tão grande pela sua mensagem, que as simples posturas e gestos possam ser suplantados pelo seu fervor.⁹³

2.4 - A Oração do Ministro

Para Spurgeon, a oração do pregador tanto no processo de preparo do sermão como na entrega é essencial. Por isso ele declara: “As suas orações serão os seus assessores mais competentes, enquanto os seus discursos estão ainda na bigorna”.⁹⁴

Mais uma vez ele enfatiza a importância da oração na entrega da mensagem. As suas palavras para explicar o valor da oração são estas:

De fato, nenhuma outra coisa pode qualificá-los tão gloriosamente para pregar como alguém que desce do monte da comunhão com Deus a fim de falar com os homens. Ninguém é tão capaz de pleitear com os homens como quem esteve pelejando com Deus em favor deles... Uma pregação deveras comovente, em que não há afetação, mas muita afeição, só pode brotar da oração. Não há retórica igual à do coração, e nenhuma escola onde aprendê-la, se não aos pés da cruz.⁹⁵

⁹¹ SPURGEON. Op. Cit. p.122.

⁹² Ibid., p.161.

⁹³ Ibid., 161.

⁹⁴ SPURGEON, C. H. **Lições aos Meus Alunos** vol. 2. Tr. Odayr Olivetti. São Paulo: Pes, 2002. p. 63.

⁹⁵ SPURGEON. Op. Cit., vl 2, p. 66.

No entanto, e para o príncipe dos pregadores, a oração não fazia com que o pregador se tornasse um orador de eloquência segundo os ditames humanos, mas segundo os padrões de Deus, pois a oração é responsável para se estabelecer um contato de coração às pessoas.⁹⁶

2.4.1 - A Total dependência do Espírito Santo

Hernandes Dias Lopes, citando John Stott, afirma: “Spurgeon sempre subia os quinze degraus do seu púlpito dizendo, “eu creio no Espírito Santo”.⁹⁷ Para ele, a força do pregador se encontrava na absoluta dependência do Espírito. E acrescenta: “Quantas palavras celestiais nos faltam pelo fato do Espírito de Deus não estar em nós!”⁹⁸

O ministro não terá êxito em suas orações, a menos que o Espírito lhe dê suporte em suas fraquezas, pois a verdadeira oração se constitui em orar no Espírito. Nesse caso, o Espírito é o agente formador de uma atmosfera nos contornos de toda oração legítima, e qualquer elemento fora desse contexto é somente mera formalidade morta.⁹⁹

De acordo com o nosso protagonista, o pregador só depende totalmente do Espírito em suas prédicas se ele não usar nenhum manuscrito, do contrário parecia-lhe estranho quando alguém pedia ajuda ao Espírito, e logo em seguida pegava as suas anotações. Para Spurgeon era mais importante se o ministro agradecesse a ajuda prestada na preparação do sermão, e depois pedir que o conteúdo estudado atingisse os corações.¹⁰⁰

Ele acreditava que em todos os aspectos da mensagem devia-se ter total dependência do Espírito Santo, e prova disso é o resultado obtido pelos sermões. Baseado nisso, ele afirma:

Nenhum homem entre nós pensaria ser capaz de regenerar uma alma. Não somos tão loucos assim, ao ponto de pedir poder para conseguirmos transformar um coração de pedra. Nem sequer ousamos admitir tal coisa; no entanto, poderemos ser tentados a pensar que, pela experiência, podemos ajudar as pessoas nas suas dificuldades especiais... Os verdadeiros resultados só vêm do Trabalhador silencioso, mas onipotente, que é o Espírito de Deus; nEle, e apenas nEle, devemos confiar, não só para a conversão de uma única criança da escola dominical, como também para a eclosão de um autêntico avivamento. Devemos olhar só para Ele, quando oramos em

⁹⁶ Ibid., p. 66.

⁹⁷ STOTT, John. Apud LOPES. In: **A importância da pregação expositiva para a igreja**. São Paulo: candeia, 2004. Op. Cit., 190.

⁹⁸ SPURGEON. **A Maior Luta do Mundo**. Op. Cit., p.62.

⁹⁹ Ibid., p 62

¹⁰⁰ Ibid., pp.62,63.

favor da comunhão e edificação das pessoas. O Espírito continua a afirmar, tal como afirmou a nosso Senhor: “Se mim nada podeis fazer” (Jo 15.5).¹⁰¹

Para Spurgeon, a igreja estaria incompleta sem o Espírito, e o culto cristão nada seria sem Ele. Em resumo as suas palavras são: “Nada poderá Substituí-lo”.¹⁰²

Em consonância com Spurgeon, Lopes faz uma declaração importante: “A obra do Espírito Santo é tão importante quanto a obra da redenção que Cristo realizou na cruz”.¹⁰³ Sem a direção do Espírito, o homem não conseguirá caminhar nem um passo capaz de lhe conduzir ao céu.¹⁰⁴

2.5 - Clareza

Mesmo que o argumento do pregador seja excelente, mas, se o ouvinte não entender, a pregação será vã. Nesse caso, o pregador deve está preparado para subir ou descer ao mesmo nível do ouvinte se houver necessidade.¹⁰⁵

Haddon Robinson acrescenta algo importante sobre o assunto: “A eficácia de nossos sermões depende de dois fatores: o que dizemos e como dizemos... Sem conteúdo bíblico relacionado à vida, nada temos que valha a pena comunicar; mas sem uma entrega habilidosa, nós não transmitiremos nosso conteúdo para a congregação”.¹⁰⁶

As palavras do pregador do Tabernáculo Metropolitano estão em harmonia com estas, quando afirma:

É sábio andar num passo em que os seus ouvintes podem acompanhá-la, em vez de dar-se ares de importância e ir por cima das cabeças deles. O nosso Senhor e Mestre foi o Rei dos pregadores e, contudo, nunca esteve acima da compreensão de ninguém, salvo naquilo que se refere à grandiosidade e glória do Seu assunto. Suas palavras e declarações eram tais que Ele falava como “o santo menino Jesus.

¹⁰¹ Ibid., pp.63,64.

¹⁰² SPURGEON Op. Cit., p.64.

¹⁰³ LOPES. Op. Cit., 189.

¹⁰⁴ SPURGEON. **A Maior Luta do Mundo**. Op. Cit., p.65.

¹⁰⁵ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. p.199.

¹⁰⁶ ROBINSON. W. **Pregação Bíblica: O desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos**. trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2002. 172p Op. Cit., p.215.

Cogitem os seus corações boa matéria, arrumada com clareza e simplicidade, e é mais que certo que vocês ganharão o ouvido, como também o coração.¹⁰⁷

Em última análise, John Stott, discorrendo sobre o desajuste de se pregar fora do nível de compreensão de uma congregação, cita o parecer de Spurgeon sobre o assunto: Cristo disse: Cuide dos meus cordeiros... Pastoreie as minhas ovelhas. “No entanto, certos pregadores colocam os alimentos em uma parte tão alta, que nem os cordeiros e nem as ovelhas alcançam. O que aparenta ter sido entendido por eles é que Cristo disse, dêem comida às minhas girafas”.¹⁰⁸

2.6 - A Voz do Pregador

Spurgeon acreditava que a voz era um elemento secundário na apresentação de um sermão, chegando a assegurar aos alunos da Escola de Pastores que não pensassem sobre o assunto.¹⁰⁹

Mesmo que esse assunto não fosse importante, acabou por se tornar matéria principal em uma das suas palestras a Escola de Pastores. Isso se explica, pelo fato dele fazer constantes críticas aos pregadores da sua época: “Raramente um homem em cada doze no púlpito, fala como homem varonil”.¹¹⁰ Ele afirma ser a imitação parente de um pecado sem perdão.¹¹¹ Desse modo, o jovem pregador era um firme defensor de que o ministro seja ele mesmo no púlpito, por isso fazia um apelo aos pregadores: “usem as suas vozes naturais. Não sejam macacos, e sim homens; não papagaios, e sim homens capazes de originalidade em todas as coisas”.¹¹²

Dando a importância devida à voz, Haddon Robinson faz uma importante declaração também: “A fala consiste em mais do que palavras e frases. A voz transmite idéias e

¹⁰⁷ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. p.199.

¹⁰⁸ WILLIAMS, W. **Personal eminscenses of Charles Haddon Spurgeon**. Apud STOTT, 2003, p.156.

¹⁰⁹ SPURGEON. Op. Cit., p.166.

¹¹⁰ Ibid., p.168.

¹¹¹ Ibid., p.170.

¹¹² Ibid., p.185.

sentimentos, à parte das palavras”.¹¹³ Spurgeon por sua vez, acreditava que a voz ajudava muito nos resultados almejados pelo pregador.¹¹⁴

Jilton Moraes destaca o valor da voz na apresentação da mensagem, fazendo uma declaração muito proveitosa aos pregadores: “Um sermão, mesmo com bom conteúdo, pode ser prejudicado pelo modo como o pregador fala”.¹¹⁵

2.6.1 - Falar para ser ouvido

O pregador não terá nenhuma utilidade se não for ouvido, falar alto o bastante, porém sem clareza não é proveitoso. Falar e ser ouvido é melhor do que ter fôlego abundante.¹¹⁶ Em destaque as suas palavras são:

É odioso ouvir um grandalhão murmurar e sussurrar quando os seus pulmões são bastante fortes para possibilitar-lhe falar bem alto. Mas, ao mesmo tempo, ainda que o pregador sempre grite vigorosamente, não será bem ouvido se não aprender a lançar para frente as suas palavras com o devido espaço entre elas.¹¹⁷

Falar devagar torna o sermão tedioso, segundo Spurgeon. Para ele, frases com um espaço grande entre as outras, é um tipo de fogo que só alegraria aos mártires. Falar rápido demais, com violência e exaltação, tornará a linguagem inteiramente estrondosa e nunca produzirá nenhum poder na vida dos ouvintes.¹¹⁸

Para Spurgeon, a aparência do pregador consiste em um elemento muito importante, e chega ser uma carta de recomendação até mesmo a um lavrador, tornando-se a metade do caminho.¹¹⁹

¹¹³ ROBINSON, Robinson W. Op. Cit., p.227.

¹¹⁴ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. p.166.

¹¹⁵ MORAIS, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, p 187,2005.

¹¹⁶ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. pp.173,174.

¹¹⁷ Ibid., p.174.

¹¹⁸ Ibid., p. 174.

¹¹⁹ SPURGEON, C. H. **Sabedoria Bíblica**: conselhos simples para pessoas simples. Trad. Neusa Faraco Skliutas. São Paulo: Shedd Publicações, 2006. p.25.

2.6.1.1 - A boa aparência do ministro

Spurgeon não acreditava ser boa aparência o pregador tornar-se pomposo e engomado, nem engrandecer, por demais no meio das pessoas, tampouco se vestir de finos trajes. O pregador que se deleita na frente do espelho pode agradar poucas jovens tolas, mas a verdade é que nem Deus ou mesmo os homens passarão muito tempo com ele.¹²⁰ Dessa forma poderíamos dizer que boa aparência para Spurgeon era: “Um cavalheiro deve ter mais no bolso que sobre os ombros, e um ministro deve ter mais a mostrar em seu interior que em sua aparência externa”.¹²¹

Sobre a aparência do ministro, ele declara qual o tipo de roupa apropriada: “Não se pode julgar um cavalo pelo arreo; mas uma aparência modesta, distinta, em que a roupa é do tipo sobre a qual não se pode fazer comentário, parece-me ser o tipo certo de coisa”.¹²²

Em concordância com isso, Haddon Robinson afirma que o pregador também deve se encaixar de acordo com a situação da sua comunidade. E acrescenta algo muito importante: “Embora nos vistamos para nos sentir confortáveis, as roupas devem fazer com que as outras pessoas se sintam confortáveis conosco”.¹²³

Jilton Moraes destaca outro fator importante: “vestes limpas, vestes assentadas e sapatos polidos. O modo como nos vestimos é muito importante. Não importa que os trajes sejam novos, mas que estejam limpos e estirados”.¹²⁴ Para ele, roupas sujas deixam claro a falta de higiene de quem as usa. Roupas amassadas além de parecer negligência, deixam o pregador com má aparência.¹²⁵

¹²⁰ SPURGEON. Op. Cit., p.26.

¹²¹ Ibid., p.26.

¹²² Ibid., p.27.

¹²³ ROBINSON. Op. Cit., p.221.

¹²⁴ MORAIS. Op. Cit., p.185.

¹²⁵ Ibid., p.186.

3 - O FORMATO DO SERMÃO SEGUNDO SPURGEON

Spurgeon considerava muito importante o preparo semanal do pregador, quanto ao que falar no domingo pela manhã e a noite. Acrescenta que o uso das Escrituras deve ser feito apropriadamente em cada situação.¹²⁶

Já o conhecido David Martyn Lloyd-Jones acreditava que um sermão deve se revestir de certa forma, e esse revestimento é que o caracterizará como sermão.¹²⁷ No seu ponto de vista,

Um sermão não consiste no mero passear através de certo número de versículos; não é mera coletânea ou série de excelentes e verdadeiras declarações e observações. Todas essas coisas podem ser encontradas em um sermão, mas elas não se constituem em sermão. O que faz um sermão ser um sermão é que tem aquela “forma” específica que o diferencia de tudo o mais.¹²⁸

3.1 - A Essência do Sermão

O êxito de Spurgeon é reconhecido pelo lugar que Cristo ocupava nos seus sermões. Hernandes Dias Lopes, citando uma frase de Spurgeon sobre o assunto, destaca: “Uma estrada segue em direção à grande metrópole, e Cristo emerge de cada texto da Escritura. O sermão será inútil se não tiver um sabor de Cristo”.¹²⁹

Nos dias atuais existe uma grande tendência por parte dos pregadores, de deixarem a Bíblia em segundo plano nos seus sermões, tendo como resultado ovelhas fracas, por falta de alimento sólido. O ministro precisa urgentemente saber que o ministério que agrada a Deus é o proferido por Paulo a Timóteo, “Prega a Palavra” (2Tm 4.2). John MacArthur, comentando sobre esse assunto afirma: “Obediência a estes simples mandamento tem de ser o “centro” de

¹²⁶ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2 p.122.

¹²⁷ LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação e pregadores**. São Paulo: Editora Fiel, 2003. p. 53.

¹²⁸ LLOYD-JONES. Op. Cit., p. 53.

¹²⁹ SPURGEON, Apud LOPES. Op. Cit., p.107.

toda filosofia de ministério verdadeiramente bíblico. A tarefa do pregador é proclamar as Escrituras e apresentar o seu significado... qualquer outro conteúdo é irrelevante”.¹³⁰

Para Spurgeon, a Bíblia é o Arsenal do pregador. Ele chega a ponto de dizer o seguinte: “Se eu puser de lado este Livro, não tenho mais nada para pregar”.¹³¹ De fato a Bíblia, é o único lugar que podemos encontrar o tesouro que Deus tem para a sua igreja.¹³²

Todas as doutrinas devem ser pregadas à igreja; não existe nada na Bíblia que não sirva para ensinar. Sendo que os mais distintos conceitos da soberania de Deus podem ser enquadrados na realidade prática da congregação, e não são como alguns dizem, elementos que transcendem o entendimento humano.¹³³

Spurgeon era um firme defensor de que o pregador deveria ensinar à congregação as doutrinas que ele acha corretas,

Os pronunciamentos característicos do calvinismo têm a sua aplicação na vida diária e na experiência comum, e se vocês sustentarem essas idéias, ou as que lhes são opostas, não têm licença para ocultar as suas crenças. Em nove de dez casos, a reticência cautelosa é traição covarde. A melhor política é não ser político nunca, mas proclamar cada átomo da verdade na medida em que Deus lhe tenha ensinado.¹³⁴

O pregador tem a incumbência de pregar não simplesmente a verdade, mas toda verdade. Por isso não pode insistir apenas em uma única doutrina, mas em todas as doutrinas ensinadas nas Escrituras.¹³⁵

¹³⁰ MACARTHUR, F. John. Op. Cit., p.28.

¹³¹ SPURGEON. **A Maior Luta do Mundo**. Op. Cit., p.15.

¹³² Ibid., p.15.

¹³³ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Vl 2.Op. Cit., p.111.

¹³⁴ Ibid., p.111.

¹³⁵ Ibid., p.112.

3.2 - O Método da Pregação

O príncipe dos pregadores é enfático quanto ao tipo de pregação. No entanto, não caminha por extremos ao defender que a pregação expositiva tem a primazia sobre outros métodos. As suas próprias palavras sobre o assunto esclarecem melhor a sua visão:

Estou certo de que nenhuma pregação durará tanto tempo ou edificará uma igreja de modo tão excelente como a expositiva. Renunciar inteiramente os discursos exortativos para limitar-se aos expositivos seria adotar extremos desnecessários, mas posso assegurar-lhes sem fervor excessivo que se seu ministério há de ser útil durante um longo período, têm de ser expositores. Para tal, têm de entender a Palavra por si mesmos, e assim poder comentá-la de modo que o povo seja edificado por ela.¹³⁶

Freqüentemente comentários surgem sobre o método de pregação mais explorado por Spurgeon. Há pessoas que segundo Phil Johnson afirmam que ele não era um grande expositor. E sim que era um Rick Warren dos tempos modernos,¹³⁷ porque ele freqüentemente pregava sermões temáticos.

No entanto, tal afirmação é contestável quando se analisa o conceito de sermão temático atual. Para James Braga, sermão temático: “é aquele cujas divisões principais derivam do tema, independentemente do texto”.¹³⁸ Essa declaração é a mesma que a de John Broadus, que diz: são aqueles cujas divisões provêm do assunto, independentemente do texto.¹³⁹

Diante de tais afirmações, presume-se que o conceito de sermão temático não se adequa ao método utilizado por Spurgeon, pelo fato dele não preparar sermões dessa forma. Eis os temas e as divisões de alguns dos seus sermões impressos:

Tema: História dos Poderosos Feitos de Deus.¹⁴⁰

¹³⁶ SPURGEON, C.H. **Um Ministério Ideal**. Vol. 1. Op. Cit., p.15.

¹³⁷ JOHNSON, Phil. **Spurgeon e a Pregação Expositiva**. Oline, 19/03/2008 18:30 (<http://www.bomcaminho.com/pi002.htm>).

¹³⁸ BRAGA, James. **Como Preparar Mensagens Bíblicas**. trad. João Batista, 2º ed. São Paulo: Vida, 2005, p.19.

¹³⁹ BROADUS, John A. **Sobre A Preparação e a Entrega de Sermões**. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues 3 ed. São Paulo: Custom, 2003.p.153.

¹⁴⁰ SPURGEON C. H. **Sermões do ano de Avivamento**. trad. Edgard Leitão. São Paulo, 1994, pp.21,23,34,36.

O texto escolhido foi: “Ouvimos, ó Deus, com os nossos próprios ouvidos: nossos pais nos têm contado o que outrora fizeste em seus dias”, (Sal. 44.1).

Divisões:

1. Histórias maravilhosas que temos ouvido referentes aos antigos feitos do Senhor.
2. Algumas desvantagens muitas vezes alegadas com respeito a tais histórias antigas.
3. Certas inferências decorrentes das antigas histórias dos poderosos feitos de Deus.

Nota-se claramente que o tema e as divisões principais desse sermão derivam-se do texto utilizado por ele, contradizendo o conceito atual de sermão temático.

Outro sermão é a “Imutabilidade de Deus”, que foi traduzido para o português com o tema de “Deus Não Muda.”¹⁴¹ Dessa vez o texto escolhido foi: “Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.” (Malaquias 3.6).

Divisões:

1. Doutrina da imutabilidade de Deus: “Eu sou o Senhor, eu não mudo”.
2. As pessoas para as quais este Deus imutável é um benefício: “Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.”
3. O benefício que esses “filhos de Jacó” recebem de um Deus imutável: “Por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.”

O último exemplo dessa vez será o sermão com o seguinte tema: “Como ler a Bíblia”. O texto foi: Não leste?... Não leste? Mas, se vós soubésseis o que significa:... (Mateus 12.3-7). Nesse sermão Spurgeon enfatiza as variedades de leituras da Bíblia que os fariseus tinham, ressaltando isso na divisão do seu sermão, a fim de contextualizar os ouvintes, coisa que o sermão temático não faz.¹⁴²

Divisões:

1. Compreenda o que você está lendo
2. Procure o ensino espiritual
3. A leitura que é proveitosa

¹⁴¹ SPURGEON C. H. **Deus não Muda**. Publicações evangélicas Seleccionadas, s.d.

¹⁴² SPURGEON C. H. **Como Ler a Bíblia**. São Paulo: Publicações Evangélica Seleccionadas, s.d. Existem outros sermões de Spurgeon em português que o leitor pode fazer uma breve análise da estrutura desses sermões e comprovará a veracidade dos argumentos levantados nesta página. Alguns deles são: A Perseverança na Santidade, O Sangue do Concerto Eterno, A Necessidade da Obra do Espírito Santo, Predestinação e Chamada, Um Sermão de Despedida e a Figueira Murcha, entre outros.

A diferença entre o sermão temático e a forma do sermão de Spurgeon, é vista se contrastada com esboços temáticos. James Braga fornece um esboço de um sermão temático:¹⁴³

Título: As marcas de Jesus

Tema: As marcas de um cristão dedicado

I. Como escravo, o cristão dedicado leva a marca da posse do mestre a quem ele pertence (1Co 6.19,20; Rm 1.1).

II. Como o soldado, o cristão dedicado leva a marca da devoção ao Comandante a quem serve (2Tm 2.3; 2Co 5.15).

III. Como o devoto, o cristão dedicado leva a marca de adorador do Mestre, a quem venera (Fp 1.20; 2Co 4.5).

Comparando este esboço com os esboços dos sermões de Spurgeon, nota-se que existe uma grande diferença entre ambos. Analisando o sermão de Spurgeon a luz do sermão textual, Broadus afirma que no sermão textual, “as divisões são tomadas do próprio texto”¹⁴⁴. James Braga por sua vez, diz: “Sermão textual é aquele em que as divisões principais são derivadas de um texto constituído de um breve trecho da Bíblia. Cada uma dessas divisões é usada como linha de sugestão, e o texto fornece o tema do sermão”.¹⁴⁵

E por último, Hernandes Dias Lopes afirma: “O sermão textual é essencialmente o mesmo que o expositivo, mas empregando uma passagem mais curta das Escrituras, geralmente apenas um versículo ou uma ou duas sentenças”.¹⁴⁶ Vejamos um esboço textual oferecido por Lopes.¹⁴⁷

Texto: João 3.16

Título: A grande salvação

I. Grande pela sua origem – Deus amou

II. Grande pela sua amplitude – O mundo

III. Grande pela sua intensidade – Deus amou de ta maneira

IV. Grande pelo seu preço – Ele deu o seu Filho Unigênito

V. Grande pela sua oportunidade – Todo o que

¹⁴³ BRAGA. Op. Cit., p.23.

¹⁴⁴ BROADUS. Op. Cit., p.153.

¹⁴⁵ BRAGA. Op. Cit., p.34.

¹⁴⁶ LOPES. Op. Cit., p.130.

¹⁴⁷ Ibid., p.132.

VI. Grande pela sua facilidade – Nele crê

VII. Grande pelo seu alívio – Não pereça

VIII. Grande pela sua bênção – Mas tenha a vida eterna

O conceito de sermão textual sugerido por Lopes parece concordar com o defendido neste trabalho. Dentro deste contexto ele afirma: “Charles Haddon Spurgeon usou apenas um versículo ou parte de um versículo bíblico em quase setenta por cento das suas mensagens”.¹⁴⁸ Essa afirmativa nos leva a concluir que a maioria dos sermões de Spurgeon eram textuais. Entretanto, embora eles fossem textuais, tinha sermões “temáticos” como afirma o Rev. Paulo Anglada, e traziam amplo proveito espiritual aos seus ouvintes.¹⁴⁹ Havia alguns expositivos também, como é o caso da “Figueira Murcha” e outros.

Phil Johnson declara o seguinte: “Alguns dos seus sermões impressos incluem uma seção de “Exposição”, mas a “exposição” era uma parte completamente diferente do culto de adoração, distinta da pregação”.¹⁵⁰

Ao que parece, Spurgeon não estava preocupado em fazer de um método de pregação a base do seu ministério, mas o que realmente importava para ele era o poder com que o sermão agia na vida dos seus ouvintes. Para o príncipe dos pregadores: “... aqueles sermões que expõem as exatas palavras do Espírito Santo são os mais úteis e os mais convenientes para a maioria das nossas igrejas. Elas gostam de receber as palavras mesmas das Escrituras explicadas e expostas”.¹⁵¹

¹⁴⁸ Ibid., p.131.

¹⁴⁹ ANGLADA, Paulo R. B. **INTRODUÇÃO À PREGAÇÃO REFORMADA**: Uma Investigação Histórica sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação. Ananindeua: Knox, p. 142.

¹⁵⁰ JOHNSON. Op. Cit., p.1.

¹⁵¹ SPURGEON, C.H. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p.109.

3.3 - O Texto Bíblico

3.3.1 - A Escolha do Texto Bíblico

Spurgeon estava convencido de que o texto é o ponto de partida para o preparo do sermão; Suas palavras são as seguintes: “Dividir bem um sermão pode ser uma arte muito útil, porém, como fazê-lo, se não houver nada para dividir?”¹⁵²

O príncipe dos pregadores considerava muito importante a tarefa de escolher o texto do sermão. As suas próprias palavras são:

A respeito do sermão, a nossa ansiosa preocupação é primeiramente quanto à seleção de um texto. Nenhum de nós olha o sermão sob uma luz tão negligente que chegue a conceber que um texto apanhado ao acaso será apropriado para toda e qualquer ocasião.¹⁵³

Para Spurgeon a tarefa de escolher textos para pregar era árdua e apresentava dificuldades. Ele mesmo declara o grau de dificuldade que enfrentava: “Confesso que fico muitas vezes horas e horas orando e esperando por um assunto, e que esta é a maior parte do meu estudo”.¹⁵⁴ O próprio texto bíblico trará luz ao pregador, “do qual não possa livrar-se; não precisará de outra orientação quanto ao tema certo.”¹⁵⁵

Outro princípio para se obter o texto certo para a pregação é, tomar vários textos, e tentar despedaçá-los. Martelando-os com toda força e veemência, portanto, o esforço será inútil, mas quando um texto se despedaçar no primeiro golpe, e brilhar ao cair esmiuçado, ou o forçar a ajoelhar-se sobre ele, colocando sobre você o fardo do Senhor, com certeza essa será a mensagem que o Senhor quer que o seu povo ouça.¹⁵⁶ Lloyd-Jones acrescenta:

Um sermão não começa com um tema; um sermão sempre deve ter natureza expositiva. Em um sermão, o tema ou a doutrina é algo que emerge do texto e do seu contexto, é algo que é ilustrado por aquele texto e seu contexto. Portanto, um sermão

¹⁵² Ibid., p. 104.

¹⁵³ Ibid., p.121.

¹⁵⁴ Ibid., p.127.

¹⁵⁵ SPURGEON, C.H. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p.127.

¹⁵⁶ Ibid., pp.128,128.

não deve ter como ponto de partida o tema como tal; deve começar com as Escrituras que contenham em si uma doutrina ou um tema. Essa doutrina deve ser tratada em termos desse contexto específico.¹⁵⁷

Embora os sermões de Spurgeon nem sempre fossem expositivos, ele utilizava os mesmos princípios apresentados por Lloyd-Jones. Pois, até mesmo quando os seus sermões eram temáticos o pregador britânico sempre partia de um texto bíblico com seu tema e, ao longo da sua pregação o enfatizava.¹⁵⁸

Na escolha do texto bíblico, Spurgeon dava dois conselhos aos ministros: “Leia também bons e sugestivos livros”, o outro era “devemos estar treinando sempre a busca de textos e o preparo de sermões”.¹⁵⁹

Ele levava tão a sério o processo de preparação de um sermão, que chega ao ponto de dizer aos seus alunos: “O preparo para o púlpito é a primeira ocupação de vocês, e se negligenciarem nisso, não inspirarão confiança em si, nem no seu ministério. As abelhas produzem mel desde a manhã até a noite, e nós temos que estar sempre armazenando provisões para o nosso povo”.¹⁶⁰ E por sua vez, ele afirma: “... há certas passagens das Escrituras mais propícias para serem apresentadas à mente dos pecadores, e se isto é verdade quanto aos textos, muito mais quanto às pregações que façam aos ouvintes”.¹⁶¹

3.3.1.1 - É necessário que haja abundância de conteúdo bíblico no sermão

Quanto ao conteúdo do sermão, Spurgeon acreditava deveriam apresentar material valioso, e sua doutrina precisava ser consistente, substancial e abundante. O pregador não pode assumir o púlpito apenas para falar vagamente, mas ter em mente que a mensagem a ser transmitida é assaz importante para instruir a sua congregação.¹⁶²

Desde cedo, o pregador britânico desenvolveu um ministério centrado na apresentação unicamente do Evangelho de Cristo. Em sua opinião, essa é a principal tarefa do ministro:

¹⁵⁷ LLOYD-JONES. Op. Cit., p. 52.

¹⁵⁸ Se o leitor fizer mesmo que seja uma breve leitura nos sermões de Spurgeon, notará que é verdade o que defendemos aqui.

¹⁵⁹ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p. 139.

¹⁶⁰ Ibid., p.140.

¹⁶¹ SPURGEON. **O Conquistador de Almas**. Op. Cit., pp.63,64.

¹⁶² SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p.104.

O Evangelho inteiro deve ser apresentado do púlpito; toda a fé uma vez entregue aos santos deve ser proclamada por nós. A verdade como se apresenta em Jesus deve ser declarada instrutivamente, de forma que o povo não apenas escute, mas conheça o jubiloso som... o verdadeiro ministro de Cristo sabe que o real valor de um sermão está, não em seu molde ou modo, e sim na verdade que ele contém. Nada pode compensar a ausência de ensino; toda retórica do mundo é apenas o que a palha é para o trigo, em contraste com o evangelho da nossa salvação. Por mais que seja belo o cesto do semeador, é uma miserável zombaria, se estiver sem sementes.¹⁶³

Por mais que o sermão esteja completo de tudo, no entanto, será um grande fracasso se a doutrina da graça não for a sua essência. Esse sermão entrará pelos ouvidos do povo, porém não trará nenhum benefício.¹⁶⁴ “Dirigir apelos aos sentimentos afetivos é excelente, mas se não vão acompanhados de instrução, são apenas um lampejo no panorama, é pólvora gasta, sem acertar o alvo. O método divino é pôr a lei na mente, e depois escrevê-la no coração”.¹⁶⁵

3.3.1.1.1 - O conteúdo do sermão deve ser coerente com o texto

“Em regra, o sermão deve brotar do texto, e quanto mais evidente assim for, tanto melhor”.¹⁶⁶ Certos pregadores costumam cair no erro de ler o texto bíblico no início do seu sermão, logo depois o deixam de lado; achando que não existe mais necessidade de se referir a ele, fazendo das Escrituras Sagradas apenas um acessório para proferirem as suas tagarelices.¹⁶⁷

A forma mais segura para o pregador fazer variações é obedecer ao que o Espírito Santo quiser comunicar na passagem a qual se está meditando. A verdade é que não existem dois textos com mensagens iguais. Nesse caso, o ministro que seguir os passos do Espírito nunca ficará sem conteúdo para o seu sermão.¹⁶⁸ “O sermão chega com muito maior poder às consciências dos ouvintes quando é pura e simplesmente a própria Palavra de Deus – não uma preleção sobre as Escrituras, mas as Escrituras mesmas, expostas e impostas”.¹⁶⁹

¹⁶³ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p. pp.104,105.

¹⁶⁴ Ibid., p.105.

¹⁶⁵ Ibid., p. p.106.

¹⁶⁶ Ibid., p.107.

¹⁶⁷ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 2. p.108.

¹⁶⁸ Ibid., p.108.

¹⁶⁹ Ibid., pp.108,109.

3.3.1.1.1.1 - A mensagem central

Para Lloyd-Jones, a mensagem central do texto serve como alicerce sobre o qual o sermão é constituído. E ela se torna o guia do pregador. Ele diz: “Dê ouvidos a essa mensagem central, e então pergunte qual é a significação da mesma; e que isso seja o impacto do sermão que estiver pregando”.¹⁷⁰

Apesar de Spurgeon não mostrar de forma clara como o pregador deve proceder na escolha da mensagem central do sermão, no entanto, ele vai além ao afirmar: “se vocês desenvolverem no púlpito proposições que tratam de realidades importantes, é preciso que jamais fiquem pairando em torno dos simples ângulos da verdade”.¹⁷¹

Ele alerta os alunos nas proposições a serem cultivadas no púlpito, fazendo a seguinte declaração:

As doutrinas não vitais à salvação da alma, nem essenciais ao cristianismo prático, não devem ser consideradas em todas as ocasiões de culto. Apresentem todos os aspectos da verdade na devida proporção, pois todas as partes das escrituras são proveitosas, e a você compete pregar não somente a verdade, mas toda a verdade.¹⁷²

Partindo desse pressuposto, o material do sermão precisa estar alinhado “segundo as normas da arquitetura mental. Nada de interferências práticas no pedestal e de doutrinas no alto das paredes; nada de metáforas no alicerce e de proposições na cumeeira”.¹⁷³

Em grande parte dos seus sermões o jovem pregador desenvolvia uma idéia central a ser seguida ao longo do sermão. Um exemplo está no sermão com o título de “*O Jardim de Deus*”.¹⁷⁴ Os seus argumentos florescem a partir da mensagem central do texto bíblico “*Supondo ser ele o Jardineiro*”, que perpassa a mensagem do início ao fim. A primeira ocorrência da frase foi na introdução do sermão, “Supondo ser ele o Jardineiro, minha mente

¹⁷⁰ LLOYD-JONES. Op. Cit., p. 148.

¹⁷¹ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. p.112.

¹⁷² Ibid., p.112.

¹⁷³ Ibid., p.116.

¹⁷⁴ SPURGEON, C. H. **O Jardim de Deus**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, s.d.; p 2

concebeu um paraíso onde todas as coisas doces florescem e todas as coisas más são desarraigadas”.¹⁷⁵

Dentro do primeiro ponto do seu discurso, tratando sobre as chaves para muitas maravilhas no jardim da Igreja de Cristo, ele afirma: “Entendemos a sua existência tão-somente supondo ser ele o jardineiro”.¹⁷⁶ Na primeira divisão do sermão, assim como na segunda, ele começa usando a frase “supondo ser o jardineiro”, tanto como proposição, como frase de transição. “Supondo ser ele o jardineiro deve INCENTIVAR-NOS PARA CUMPRIR MUITOS DEVERES”.¹⁷⁷

Em cada divisão, essa frase vai sendo repetida na medida em que o sermão vai sendo entregue ao público. Até o final, quando ele conclui após citar (1João 3.2), dizendo: “Sendo Jesus o Autor e Consumador da fé, e que perfeição e a glória infinita nos conduzirá! Queira Deus que seja esta a experiência de cada um de nós. Sermos plantas no jardim de Deus, “supondo ser ele o jardineiro” é o céu mais glorioso que podemos almejar”.¹⁷⁸

3.4 - A Introdução do Sermão

3.4.1 - A importância da introdução

Haddon Robinson ilustra bem a importância de uma boa introdução em um sermão, dizendo: “As introduções e as conclusões têm relevância, além da proporção de sua duração. Durante a introdução, o auditório obtém impressões a seu respeito como pregador, o que freqüentemente determina se aceitarão o que você diz, ou não”.¹⁷⁹

Conhecendo bem a importância da introdução, Spurgeon não se prendia a um único método de introduzir os seus sermões. Algumas vezes lia o texto e introduzia comentando sobre o texto lido, em outros sermões ele iniciava com alguma história e antes da primeira divisão surpreendia com a ligação que fazia com o seu tema.¹⁸⁰

Pregando em Oséias 8.12, Spurgeon introduz o sermão dessa forma:

¹⁷⁵ SPURGEON. Op.Cit., p.2.

¹⁷⁶ Ibid., p.5.

¹⁷⁷ Ibid., p.11.

¹⁷⁸ SPURGEON. **O Jardim de Deus**. Op. Cit.,p.31.

¹⁷⁹ ROBINSON. Op. Cit., p.177.

¹⁸⁰ Chegamos a essa conclusão depois ler vários dos sermões impressos em português de Spurgeon.

Esta é a queixa de Deus contra Efraim. Não é uma forma insignificante de Sua bondade, que Ele Se incline para repreender suas criaturas; é uma grandiosa evidência de sua disposição graciosa, que Ele incline Sua cabeça para observar os assuntos da terra. Se Ele quisesse, poderia cobrir-Se com poder como se fosse um vestido; poderia colocar as estrelas ao redor de Sua mão como se fossem um bracelete e unir os sóis ao redor de Sua testa como um diadema; poderia habitar acima do sétimo céu, e contemplar com calma e silenciosa indiferença todas as atividades das Suas criaturas.¹⁸¹

Ele continua:

Todavia não é assim, amados. Nosso Deus é de uma ordem diferente. Ele observa a cada um de nós. Não existe nem mesmo um pardal ou um verme que não se encontre em Seus decretos. Não há uma pessoa sobre a qual não estejam fixos os Seus olhos. Nossos atos mais secretos são conhecidos por Ele. Qualquer coisa que façamos, que suportemos ou soframos, o olho de Deus está sempre sobre nós e seu sorriso nos cobre, pois somos Seu povo; ou a Sua desaprovação nos envolve, pois temos nos apartado dEle.¹⁸²

Paulo Anglada, comentando sobre a tradição puritana, da qual Spurgeon fazia parte, acrescenta: “Introdução e elucidação são geralmente consideradas elementos distintos de um sermão: a introdução atrai a atenção do auditório, e a elucidação explica o texto”.¹⁸³ Em resumo, o método puritano de sermão era introduzido com a explicação do texto. Agindo assim, o propósito principal deles seria mostrar que a mensagem apresentada, emergia da passagem das Escrituras lida.¹⁸⁴

3.5 - As Divisões do Sermão

3.5.1 - A importância em se dividir bem o sermão

Spurgeon achava a tarefa de dividir bem um sermão de estimável valor ao pregador. Além de mostrar a importância dessa empreitada, adverte também os alunos do Colégio de Pastores sobre a atenção que esse assunto devia despertá-los. Eis as suas palavras:

E isso me faz manter-me no estilo “primeiro, segundo e terceiro”, por mais fora de moda que esteja este método na atualidade. O povo não tomará seu chá misturado

¹⁸¹ SPURGEON, C. H. **A Bíblia: A infalível Palavra de Deus**. São Paulo: Publicações Evangélicas selecionadas, s.d. p.1.

¹⁸² SPURGEON. Op. Cit., p.2.

¹⁸³ ANGLADA, Paulo R. B. **Introdução à Pregação Reformada**. Uma Investigação Histórica sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação. Ananindeua: Knox, 2005, p160

¹⁸⁴ ANGLADA. Op. Cit., p.161.

com mostarda, nem gostará dos seus sermões desordenados, nos quais vocês não podem saber qual a cabeça e qual a cauda, porque não têm nem uma nem outra, porém são como o cãozinho peludo do Sr Bright, cuja cabeça e cauda são iguais. Coloquem diante dos homens a verdade de maneira lógica e ordenada, de modo que possam lembrá-la com facilidade, e eles a receberão mais prontamente.¹⁸⁵

A prova maior do valor deste assunto está nos sermões de Spurgeon. Um sermão publicado com o título de “As Exigências de Deus”, em Salmos 100.3-5¹⁸⁶, retrata muito bem a divisão enfatizada por ele. A primeira divisão é:

(1) No que se baseiam as Exigências de Deus? Nas subdivisões, ele responde essa indagação dizendo: (a) Sua deidade, (b) Somos criação Sua, (c) Seu apascentamento de nós, (d) O caráter divino.

(2) No segundo ponto da sua mensagem, o pregador inglês faz outra pergunta: “Como temos nos comportados diante das exigências divinas?” Depois que responde no conteúdo deste tópico, chega à última divisão, fazendo mais uma pergunta: “Quando as exigências divinas são consideradas, como elas nos influenciam”?

Um fato importante a ser destacado é que Spurgeon levava apenas um esboço ao púlpito.¹⁸⁷ Depois de preparar as divisões do sermão, ele anunciava todas elas no início da mensagem, conforme afirma Lloyd-Jones.¹⁸⁸

O nosso protagonista dizia que depois de muita oração no processo de escolha do texto, o pregador precisava concentrar-se com todas as suas forças para estabelecer os pensamentos da mensagem e conduzi-los da melhor forma possível.¹⁸⁹

3.6 - A Ilustração do Sermão

Spurgeon acreditava que o emprego de parábolas, símiles e metáforas produzem no sermão um efeito facilitador para as pessoas entenderem o discurso.¹⁹⁰ Pensando dessa forma

¹⁸⁵ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vol. 2. p.198.

¹⁸⁶ SPURGEON, Charles H. **As Exigências de Deus**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, s.d.

¹⁸⁷ LLOYD-JONES, D. Martyn. Op. Cit., p. 157.

¹⁸⁸ Ibid., p.154.

¹⁸⁹ SPURGEON. **Lições aos meus alunos** Op. Cit., vol. 2. p. 129.

¹⁹⁰ SPURGEON, C. H. **Lição aos Meus Alunos**. trad. Odayr Olivetti. Vol. 3. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2004. p.7.

Jilton Morais afirma: “... Ninguém constrói uma casa sem janelas; elas arejam e clareiam a casa, tornando-a mais agradável. O mesmo acontece com o sermão: as ilustrações atraem a atenção dos ouvintes, e tornam mais claro o que desejamos comunicar”.¹⁹¹

3.6.1 - As vantagens da ilustração

O papel da ilustração, segundo Spurgeon é “tornar o sermão mais agradável e interessante”.¹⁹² Um sermão sem ilustrações se tornará enfadonho e desagradável aos ouvintes. As igrejas ouvem com prazer um pregador quando o mesmo lhes oferece um evangelho com boas figuras de linguagem.¹⁹³

As ilustrações servem também como “uma oportunidade para introduzir um ornamento em seu projeto”.¹⁹⁴ Ele ilustra bem esse fato quando diz:

Um grande prédio pode ser maciço, mas não pode ser agradável se não estiver guarnecido de janelas e outros pormenores. O palácio dos papas em Avinhão é uma estrutura imensa, mas são tão escassas as janelas externas, que ele tem todos os aspectos de uma prisão colossal, e não sugere nada daquilo que palácio deve ser. Os sermões precisam ter intermitências planejadas, e serem variados, decorados e revestidos de vigor. E nada pode fazer isso tão bem como a introdução de tipos, emblemas e exemplos.¹⁹⁵

Outra qualidade das ilustrações, é que elas possuem a capacidade de “animar e despertar a atenção dos ouvintes”.¹⁹⁶ Aqueles que estão habituados em ouvir sermões de párocos piedosos, mas que os fazem dormir, iriam se deleitar em ver a alegria de igrejas ouvintes de uma torrente serena de ilustrações sadias e felizes.¹⁹⁷

¹⁹¹ MORAES. Op. Cit., p.

¹⁹² SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 3, p.9.

¹⁹³ Ibid., p.9.

¹⁹⁴ Ibid., p.10.

¹⁹⁵ Ibid., p.10.

¹⁹⁶ SPURGEON. **Lição aos Meus Alunos**. Op. Cit., Vol. 3, p.10.

¹⁹⁷ Ibid.,p.11.

3.6.1.1 - Os perigos da ilustração

Mesmo sendo uma grande ajuda ao pregador, Spurgeon adverte que os ornamentos não devem se tornar parte principal.¹⁹⁸ Quanto a isso, Lloyd-Jones afirma: “As histórias e ilustrações têm o propósito exclusivo de aclarar a Verdade, e não de chamar a atenção para si mesmas”.¹⁹⁹ E por fim, ele estabelece um princípio para o emprego de ilustrações, sem levar o pregador a perder o foco a ser apresentado; “Portanto, a regra sempre deveria ser que a Verdade ocupe lugar de preeminência, e que lhe demos posição primordial; e as ilustrações devem ser usadas com critério, esparsamente, tendo em mira exclusivamente aquele fim”.²⁰⁰

Stuart Olyott, comentando sobre a clareza da ilustração, declara que elas não terão valor se não forem claras. Algumas, ele afirma, “são tão complicadas que só conseguem trazer confusão à mente dos ouvintes”.²⁰¹

O Rev. Charles Spurgeon mais uma vez adverte: “Conquanto recomendamos desse modo as ilustrações para os usos necessários, é preciso lembrar que elas não constituem o ponto forte do sermão, não mais que a janela é o ponto forte da casa”.²⁰² E por último, as ilustrações não podem ocupar muito espaço no sermão.²⁰³

3.6.1.1.1 - Lugar onde o pregador poderá encontrar ilustrações

“Ninguém precisa inventar anedotas e histórias a fim de interessar uma congregação... Também os admoesto a terem cuidado com muitas histórias comuns, freqüentemente repetidas, as quais desconfio se poderiam ser provadas como fatos reais”.²⁰⁴ Após fazer essas declarações, Spurgeon diz que as ilustrações podem ser encontradas em vários lugares, alguns deles são: são grãos de ouro cintilantes pelas montanhas e em jornais diários.²⁰⁵

As histórias do locais de onde se está pregando são úteis ao pregador. E em muitos casos será de grande proveito o ministro usar tais histórias locais para a comunidade.²⁰⁶ Spurgeon também enfatizou aos seus alunos sobre o bom número de histórias antigas e

¹⁹⁸ Ibid., p.10.

¹⁹⁹ LLOYD-JONES. Op. Cit., p. 169.

²⁰⁰ Ibid., p.169.

²⁰¹ OLYOTT, Stuart. **Pregação Pura e Simples**. Trad. Pr. Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2008. p.95.

²⁰² SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vl. 3, p.11.

²⁰³ Ibid., p.11.

²⁰⁴ Ibid., p.83.

²⁰⁵ Ibid., pp.83,84.

²⁰⁶ SPURGEON. **Lições aos Meus Alunos**. Op. Cit., vl. 3, p.85.

modernas que poderiam ser usadas no sermão.²⁰⁷ Já as histórias religiosas, ele dizia, se constituem num belo campo para o pregador.²⁰⁸ Outro destaque feito por Spurgeon ao ministro na busca de ilustrações são as Sagradas Escrituras, sendo que as referências bíblicas se constituem na forma mais hábil de ilustração.²⁰⁹

O Dr. Jilton Moraes destaca a busca por ilustrações semelhante ao método empregado por Spurgeon, quando diz: “A melhor ilustração é a que está mais próxima do pregador. Quanto mais próxima do acontecimento, tanto mais força e encanto oferece”.²¹⁰

3.7 - A Conclusão do Sermão

Em seus sermões Spurgeon sempre apresentava boas conclusões. As suas exposições bíblicas são as provas mais convincentes sobre tal assunto. De forma geral, ele procurava mostrar no fim dos sermões a posição do homem diante de Deus e, logo em seguida, concluía mostrando que Cristo era a solução para o problema do pecado.

3.7.1 - Conclusão e aplicação

Jilton Moraes declara que “a conclusão não deve ser a última tarefa no preparo do esboço. O pregador terá trabalhado, desde a escolha do texto, sua ICT²¹¹ e demais passos até a aplicação. E quando os pregadores não atentam para o preparo da conclusão, parecem mais com um avião querendo aterrissar, sem encontrar um local apropriado.²¹² Em concordância, o Dr. Jerry Stanley Key afirma: “muitos sermões são semelhantes à viagem de Abraão, descrita na Carta aos Hebreus 11: 8: Abraão ‘(...) saiu, sem saber para onde ia!’”.²¹³

Karl Lachler comentando sobre uma boa conclusão, diz que ela surge da mensagem central do texto. Eis as suas palavras:

²⁰⁷ Ibid., p.86.

²⁰⁸ Ibid., p.89.

²⁰⁹ SPURGEON, C. H. **Lições aos Meus Alunos** vl. 3, p. 101.

²¹⁰ MORAES. Op. Cit., p.122.

²¹¹ A sigla ICT significa idéia central do texto.

²¹² Ibid., p.167.

²¹³ KEY, Jerry Stanley. **A preparação de sermões bíblicos**: princípios de homilética. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 143.

... a proposição é a principal fonte do conteúdo e estrutura para toda a mensagem. Assim, a conclusão deve estar em sintonia com a proposição. Deste modo, o expositor deve olhar para a proposição e perguntar a si mesmo: a) Qual ação ou exigência está implícita ou explícita nesta proposição? b) O que o ouvinte deve pensar e fazer, a fim de que esta proposição se transforme em verdade encarnada em sua vida? c) Como arauto de Deus, quais passos posso apontar para levar o ouvinte a cumprir a verdade desta proposição?²¹⁴

Num sermão pregado com título de “Livre Arbítrio um escravo”, Spurgeon deixa claro o que está sendo destacado neste ponto. O conselho dele aos ouvintes é: “Vai então para casa, meu amigo com este pensamento: Eu sou por natureza tão perverso que não virei a Cristo, e essa perversidade da minha natureza é o meu pecado. Eu mereço ser lançado ao inferno por isso. E se este pensamento não humilhar, o Espírito usando o mesmo, nada poderá fazê-lo”.²¹⁵

O estilo de conclusão adotado por Spurgeon fazia com que o ouvinte saísse do templo meditando sobre as verdades destacadas no sermão. E a principal era sobre a certeza da salvação: “Muitas pessoas têm crido em Deus para salvá-las, mas só por algum tempo; enquanto são sinceros. Amados, creiam em Deus para mantê-los fiéis durante toda a sua vida: comprem uma passagem até o ponto final. Obtenham uma salvação que cubra todos os riscos”.²¹⁶ Em outro sermão ele conclui, dizendo: “Foste conduzido até onde deverias encontrar-te, trazido pelo Espírito de Deus até onde Ele queria que estivesse. E, sendo essa a tua situação, podes sair daqui em paz, porquanto Deus perdoou os teus pecados”.²¹⁷

Além de usar também ilustrações para concluir, como em “O Nosso Manifesto”, ilustrando um fato ocorrido em Roma, quando ela foi invadida e posta à venda, sendo que um romano a comprou por um preço justo. E permaneceu firme na esperança de que o inimigo, embora presente, iria ser desalojado.²¹⁸ Spurgeon tinha o hábito de concluir os seus sermões com uma oração. Uma delas está registrada em “A Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém”: “Senhor Jesus, cura-nos! Salva-nos Filho de Davi, salva-nos! Tu vês quão cegos nós somos - oh, dá-nos a visão da fé! Tu vês o quão coxo nós somos - oh, dá-nos a força da graça!...”²¹⁹

²¹⁴ LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a exposição bíblica. trad. Robison Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.118.

²¹⁵ SPURGEON, C.H. **Livre Arbítrio**: um escravo. São Paulo: PES, p.20.

²¹⁶ SPURGEON, C.H. **A Perseverança na Santidade**. São Paulo: PES, p.24.

²¹⁷ SPURGEON, C.H. **Eleição**. São Paulo: PES, p.35.

²¹⁸ SPURGEON, C.H. **O Nosso Manifesto**. São Paulo: PES, p.37.

²¹⁹ SPURGEON, C.H. **A Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém**. São Paulo: PES, p.32.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos grupos evangélicos deste século, a pregação da Palavra tem perdido o seu verdadeiro significado. Uma dessas perdas está no fato de se acreditar que tudo é pregação; até mesmo as danças com alguns atrativos. A própria Bíblia esclarece o que é uma pregação, Paulo diz: “... aprouve a Deus salvar o homem pela loucura da pregação” (1Coríntios 1.21). É bom lembrar que a pregação enfatizada por Paulo neste texto, não é outra coisa se não o anúncio que o ministro escolhido como arauto do Senhor tem a incumbência de fazer. Embora, existam pessoas que argumentem que o evangelho pode ser pregado de outras formas. No entanto, a forma primária é através de um pregador capacitado pelo Espírito Santo.

Num momento de declínio da pregação e falta de compromissos dos pregadores, foi que Deus levantou Charles Haddon Spurgeon para levar as suas boas novas aos homens, e despertar outros ministros com esse mesmo compromisso.

O ministério profícuo de Spurgeon tem sido lembrado por alguns com muito entusiasmo. Outros nem mesmo falam sobre esse grande pregador das Sagradas Escrituras, mesmo no meio Batista ao qual ele fazia parte. Certas pessoas o rejeitam pelo fato da sua teologia ser basicamente calvinista, termo que Spurgeon dizia que era apenas um apelido, pois é a Bíblia que mostra Deus agindo de forma graciosa na vida do homem.

A verdade é que se o presente século conhecesse os feitos de Deus na vida de um jovem que nasceu em uma pequena cidade rural, e mais tarde se tornou o pregador mais conhecido de Londres e de boa parte da Europa, observaria claramente a grandeza do Senhor em agir por amor ao pecador, levantando um dos maiores profetas que o mundo já viu para lhes anunciar a sua vontade.

A pregação de Spurgeon pode ser entendida basicamente dentro do contexto Reformado-Puritano. Onde “a pregação pública da Palavra de Deus é considerada não como palavra de homem, mas como palavra de Deus. É na condição de porta-voz de Deus, que

arautos comissionados pelo próprio Deus, e reconhecidos... pela igreja, anunciam em nome dele e com autoridade divina a sua palavra”.²²⁰

A importância do pregador está bem preparado para anunciar o evangelho, era muito importante para Spurgeon. Isso deve-se à influência reformada herdada por ele. Com base nisso, a pregação, por ser as palavras do próprio Deus, o ministro não precisava somente estar em oração, mas estudar também para que Deus revelasse a sua vontade ao seu povo.

A pregação reformada tem como base a Bíblia. E não consiste em um mero passar nas Escrituras comentando textos bíblicos, ou em último caso a vida particular do ministro. Spurgeon fazia o mesmo, dando a primazia às Escrituras no sermão. Não se preocupando com métodos,²²¹ mas com as almas perdidas. Para ele, o sermão mais eficaz é aquele que Deus usa para transformação de vidas.

A forma, pela qual ele expunha as Escrituras não era o método seqüencial, como enfatizado por pregadores reformados. No entanto, ele ia para a Bíblia à procura “das passagens das Escrituras mais propícias para serem apresentadas à mente dos pecadores”.²²² Spurgeon acreditava que os sermões com mais probabilidade de serem abençoados, são aqueles com propósito destinado à conversão de almas.²²³ Além de disso, o estilo de pregação eficaz não consiste em palavras rebuscadas, mas de simplicidade e consistência.

Em um século tão conturbado, onde qualquer um pensa ser pregador da verdade, nota-se a necessidade de expositores fiéis aos ensinamentos bíblicos, e que apresentem Cristo como Senhor e não servo dos homens.

²²⁰ ANGLADA, Paulo R. B. **Introdução à Pregação Reformada**. Op. Cit., p.195.

²²¹ Este autor considera o método expositivo como sendo o mais eficaz na transformação e ensino das pessoas, embora também não descarte os outros métodos existentes.

²²² SPURGEON, C.H. **O Conquistador de Almas**. Op. Cit.,p.64.

²²³ *Ibid.*, p.64.

REFERÊNCIAS

- ANGLADA, Paulo R. B. **INTRODUÇÃO À PREGAÇÃO REFORMADA**: Uma Investigação Histórica sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação. Ananindeua: Knox, 2005, 215p.;
- _____. **Spurgeon e Evangelicalismo Moderno**. São Paulo: Os Puritanos, 1996. 51p.;
- ARAÚJO, Fabrício Rodrigo Silva de. **A arte de produzir ciência: Manual de normatização técnica de trabalhos acadêmicos**. In: FATEBE, 2007. 12/11/2007 09:35h. ([HTTP://www.fatebe.edu.br](http://www.fatebe.edu.br)).;
- BRAGA, James. **Como Preparar Mensagens Bíblicas**. trad. João Batista, 2º ed. São Paulo: Vida, 2005, 263p.;
- BROADUS, John A. **Sobre A Preparação e a Entrega de Sermões**. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues 3 ed. São Paulo: Custom, 2003.408p.;
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**: Uma História da Igreja Cristã. Trad. Israel Belo de Azevedo 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 508p.;
- I Coríntios. In: **Bíblia Sagrada: Edição revista e atualizada no Brasil**. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 226-245.;
- DALLIMORE, A. Spurgeon. A New Biography. Edinburgh e Penvsylvania: The Banner of Truth Trust, 2001. 247p.;
- DUTRA, Marcelo. **Um dos maiores pregadores de todos os tempos**: *Oline*, 17/01/2007 20:14 h (www.atosdois.com.br/print2.php?codigo=2188 - 65k -).;
- FERREIRA, Franklin. Gigantes da Fé: **espiritualidade e teologia na igreja cristã**. São Paulo: VIDA, 2006.351p.;
- JOHNSON, Phil. **Spurgeon e a Pregação Expositiva**. *Oline*, 19/03/2008 18:30 (<http://www.bomcaminho.compj002.htm>).;
- KEY, Jerry Stanley. **A preparação de sermões bíblicos**: princípios de homilética. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 416p.;
- LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a exposição bíblica. trad. Robison Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1995. 131p.;
- LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação e Pregadores**. 6ª ed. São José dos Campos: FIEL, 2003. 239 p.;

LOPES, Hernandes Dias. **A Importância da Pregação Expositiva para o Crescimento da Igreja.** São Paulo: Candeia, 2004. 257p.;

LIMA, P. Elias. **Spurgeon e a Doutrina da Expição.** 2007.110p.;

MacARTHUR, F. John. **Com Vergonha do Evangelho:** quando a igreja se torna como o mundo. trad. Eros Pasquini. 2º ed. São Paulo: FIEL, 2004.287p.;

MORAES, Jilton. **Homilética:** da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005. 230p.;

MURRAY, Iain H. **O Spurgeon que Foi Esquecido.** trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2004. 304 p.;

_____. **Spurgeon Versus Hipercalvinismo:** a batalha pela pregação do evangelho. trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2004. 189p.

OLYOTT, Stuart. **Pregação Pura e Simples.** trad. Pr. Wellington Ferreira. São Paulo: Fiel, 2008. 157p.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação Bíblica:** O desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos. trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2002. 172p.;

SPURGEON, C.H. **A Maior Luta do Mundo.** 2º ed. São Paulo: FIEL, 2006. 77p.;

_____. **A Bíblia:** A Infalível Palavra de Deus. PES, s.d.;

_____. **A Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **A Perseverança na Santidade.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **As Exigências de Deus.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **Conselhos para os Obreiros.** São Paulo: Arte Editorial, 2004. 112p.;

_____. **Como Ler a Bíblia.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **Deus não Muda.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **Eleição.** São Paulo: PES, s.d.;

_____. **Lição aos Meus Alunos.** trad. Odayr Olivetti. Vol. 1. São Paulo: PES, 2002. 224p.;

_____. **Lição aos Meus Alunos.** trad. Odayr Olivetti. Vol. 2. São Paulo: PES, 2002. 280p.;

_____. **Lição aos Meus Alunos.** trad. Odayr Olivetti. Vol. 3. São Paulo: PES, 2004. 149p.;

_____. **Livre Arbítrio:** um escravo. São Paulo: PES, sd.;

- _____. **O Jardim de Deus.** São Paulo: PES, s.d.;
- _____. **O Conquistador de Almas.** trad. Odayr Olivetti, 3ed. São Paulo: PES, 1993, 237p.;
- _____. **Sermões do Ano de Avivamento.** trad. Edgard Leitão, 1º ed. São Paulo: PES, 1994, 128p.;
- _____. **Spurgeon Autobiography** vl.1 The Early Years, 1962. 562p.;
- _____. **Um Ministério Ideal.** trad. Eduardo Leitão. Vol. 1. São Paulo: PES, 1991. 104p.;
- _____. **Verdades Chamadas Calvinistas: uma defesa.** São Paulo: PES, s.d.;
- STOTT, John. **Eu Creio na Pregação.** trad. Gordon Chown. São Paulo: VIDA, 2003. 363p.;